

Mebêngôkre nhõ pidj'y: remédios tradicionais Mebêngôkre-Kayapó



Organizadoras

Márlia Coelho-Ferreira

Claudia López Garcés

Autores

Parityk Kayapó | Kaikwa-re Kayapó | Tabo Kayapó

Takwyri Kayapó | Banhi-re Kayapó | Bekwynhbô Kayapó

Bekwyhngoti Kayapó | Nhakture Kayapó

Mebêngôkre nhõ pidj'y: remédios tradicionais Mebêngôkre-Kayapó

Pesquisas colaborativas sobre
plantas medicinais nas aldeias
Las Casas (TI Las Casas)
e Moikarakô (TI Kayapó) - PA



Organizadoras
Márlia Coelho-Ferreira
Claudia López-Garcés

Autores
Parityk Kayapó | Kaikwa-re Kayapó | Tabo Kayapó
Takwryi Kayapó | Banhi-re Kayapó | Bekwynhbô Kayapó
Bekwyhngoti Kayapó | Nhakture Kayapó



GOVERNO DO BRASIL
Presidente da República
Jair Messias Bolsonaro

Ministro da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações
Marcos Pontes



MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI

Diretora

Ana Luísa Albernaz

Coordenador de Pesquisa e Pós-Graduação

Alexandre Bonaldo

Coordenadora de Comunicação e Extensão

Maria Emília da Cruz Sales

NÚCLEO EDITORIAL DE LIVROS

Editora Executiva

Iraneide Silva

Editoras Assistentes

Angela Botelho

Tereza Lobão

Editora de Arte

Andréa Pinheiro

NÚCLEO EDITORIAL BOLETIM

Normatização

Arlene Lopes

Taise da Cruz Silva

Revisão ortográfica

Rafaele Lima

Instituição filiada:



Mebêngôkre nhõ pidj'y: remédios tradicionais Mebêngôkre-Kayapó. Pesquisas colaborativas sobre plantas medicinais nas aldeias Las Casas (TI Las Casas) e Moikarakô (TI Kayapó) - PA / Organizadoras Márlia Coelho-Ferreira e Claudia López-Garcés – Belém : MPEG, 2020.

122 p.: il

ISBN: 978-65-88888-00-1

1. Povo Mebêngôkre-Kayapó 2. Plantas medicinais. 3. Remédios tradicionais. 4. Pesquisa participativa. 5. Cuidados tradicionais de saúde. I. Coelho-Ferreira, Márlia. II. López-Garcés, Claudia.

CDD 306

Mebêngôkre nhõ pidj'y: remédios tradicionais Mebêngôkre-Kayapó

Pesquisas colaborativas sobre
plantas medicinais nas aldeias
Las Casas (TI Las Casas)
e Moikarakô (TI Kayapó) - PA



Organizadoras
Márlia Coelho-Ferreira
Claudia López-Garcés

Autores
Parityk Kayapó | Kaikwa-re Kayapó | Tabo Kayapó
Takwryi Kayapó | Banhi-re Kayapó | Bekwynhbô Kayapó
Bekwyhngoti Kayapó | Nhakture Kayapó

Belém
2020



Apresentação

Esta obra é o produto de um esforço cuidadoso e delicado para valorizar e documentar o conhecimento tradicional indígena, particularmente sobre o seu sistema de cuidados da saúde. A publicação tem como objetivos principais contribuir para que esses conhecimentos sejam amplamente acessíveis aos povos indígenas, auxiliando nos tratamentos iniciais quando houver dificuldade de atendimento médico nas aldeias, quanto por facilitar a transmissão para as futuras gerações.

Realizar uma obra como esta requer um profundo respeito pelas instituições e pelas culturas envolvidas, sendo necessária a obtenção de suas devidas permissões, assim como o estabelecimento de relações de confiança entre pesquisadores e indígenas, mais fluente em alguns casos que em outros. Exige também a flexibilidade da equipe de pesquisa em acatar as as limitações impostas para divulgação de alguns conhecimentos considerados relevantes, que devem permanecer restritos aos povos indígenas.

Neste sentido, o trabalho aqui apresentado revela a grande sensibilidade dos envolvidos na pesquisa no atendimento a todos esses preceitos. Revela também que, em algumas situações, como as aqui reportadas, os indígenas compreendem a importância de que esses conhecimentos sejam preservados e o seu uso incentivado e transmitido aos seus parentes – e participam ativamente do trabalho.

Neste trágico ano de 2020, em que a pandemia do novo coronavírus tem ceifado tantas vidas, este trabalho torna-se ainda mais relevante. Os indígenas foram fortemente atingidos pela pandemia, o que nos privou dos conhecimentos de muitos de seus anciãos.

Ana Albernaz
diretora MPEG



1 Conferência Nacional
de Educação
Escolar Indígena
Brasília - 2009

Sumário

Introdução	7
O Povo Mebêngôkre-Kayapó	11
Área de Estudo	15
A Experiência de Pesquisa	23
Primeiros passos	23
Desenvolvimento da pesquisa	24
Resultados da pesquisa	28
Jardins medicinais nas aldeias	28
Conhecendo os especialistas, as doenças, noções de cuidados e uso das plantas medicinais Mebêngôkre-Kayapó	29
Saúde indígena e diálogo intercultural: um desafio	37
Catálogo de Plantas Medicinais Mebêngôkre-Kayapó	41
Plantas medicinais do campo / kapot kam pidj'y	45
Plantas medicinais do jardim / ljê pidj'y jagênh	83
Referências	113
Autores e Organizadoras	115



Introdução

Este livro é resultado da experiência de pesquisa participativa “Saúde e soberania alimentar entre os Mebêngôkre-Kayapó: conhecimentos, práticas e inovações”, desenvolvido em colaboração com os Mebêngôkre-Kayapó das aldeias Las Casas e Moikarakô, situadas nas Terras Indígenas Las Casas e Kayapó, respectivamente, na região sudeste do estado do Pará (Brasil). A pesquisa foi idealizada, proposta e conduzida juntamente com os próprios Mebêngôkre, e constantemente repensada em função de condições nem sempre favoráveis, mas também de entendimentos conjuntos, posições éticas e políticas, em razão dos conhecimentos sensíveis com os quais lidamos. O trabalho envolveu uma equipe integrada por uma antropóloga e uma etnobotânica do Museu Paraense Emílio Goeldi, lideranças indígenas e reconhecidos especialistas e sabedores dos tratamentos tradicionais em saúde Mebêngôkre (*Mebêngôkre Djukanê*), sendo três pajés (*wayangá*), um raizeiro (*me kuté pidjy màre*), três mulheres mães de família, o representante do Conselho Indígena de Saúde (CONDISI) junto ao Distrito Sanitário Especial Indígena Kayapó do Pará (DSEI Kayapó do Pará), em Redenção, e um cinegrafista indígena do quadro deste DSEI. Teve por intuito colocar em evidência e valorizar os conhecimentos e as práticas tradicionais de cuidados em saúde relacionadas ao uso de plantas medicinais.

A preocupação com a documentação destes saberes vem sendo salientada pelos Kayapó desde 2008, quando dos estudos coordenados pelas

antropólogas Pascale de Robert e Claudia López-Garcés acerca da agrobiodiversidade Mebêngôkre nas referidas aldeias, os quais abriram espaço para pesquisas sobre o uso e manejo de produtos florestais não madeireiros (PFNM) e conhecimentos dos pajés associados às plantas medicinais. Estas experiências nos permitiram constatar que o sistema de cuidados e tratamentos tradicionais em saúde tem vigência cultural nas aldeias Mebêngôkre, e por mais que se alegue desinteresse dos mais jovens ou que se observe uma forte dependência de “remédios de farmácia”, sempre recorrem às plantas medicinais e aos conhecimentos especializados dos pajés.

Neste cenário, as discussões em 2015 sobre a temática envolvendo conhecimentos tradicionais, recursos naturais e saúde foram aprofundadas, e os indígenas expuseram suas demandas de ações visando ao fortalecimento das atividades dos pajés e estreitamento do diálogo com os profissionais de saúde que atuam nas aldeias. Enfatizaram a importância de parcerias que possibilitassem a melhoria das condições de saúde nas aldeias, tendo por base as deliberações das Conferências Nacionais de Saúde Indígena (CNSI), realizadas em 2000 e 2014, em que se destacam o respeito ao fortalecimento da medicina tradicional nas aldeias e à inclusão das práticas desta aos programas de saúde existentes, assim como a promoção da interação entre a medicina indígena e ocidental.

Assim, a pesquisa foi orientada no sentido de atender às demandas dos Mebêngôkre-Kayapó das duas aldeias citadas, em consonância com as políticas de saúde indígena. A proposta foi selecionada para apoio financeiro pelo Banco da Amazônia em 2015. Para sua execução, foram observados os procedimentos previstos na Medida Provisória 2.186-16/2001, que criou o Conselho de Gestão do Patrimônio Genético (CGen) – órgão associado ao Ministério do Meio Ambiente (MMA) – vigente naquela ocasião e que perdurou com força de lei por uma década e meia. Este instrumento legal foi substituído pela Lei nº 13.123, de 20 de maio de 2015, também conhecida como “Lei da Biodiversidade”, aprovada quase um ano depois, em 11 de maio de 2016. Assim como a mencionada MP, esta lei regulamenta o acesso ao patrimônio genético (PG), aos conhecimentos tradicionais (CT) associados à biodiversidade e à repartição de benefícios (RB) advindos da exploração econômica desta.

Além de dar a conhecer nossa experiência de pesquisa em colaboração com pajés e especialistas de cuidados em saúde Mebêngôkre-Kayapó, este livro pretende contribuir para documentação e registro de conhecimentos e práticas tradicionais em saúde, principalmente sobre o uso de plantas medicinais e ao

entendimento básico do sistema tradicional de saúde do povo *Mebêngôkre Djukanê*, facilitando o acesso de informações às pessoas não indígenas que trabalham no Subsistema Indígena de Saúde. Com base nesses objetivos, pretende-se incentivar as novas gerações *Mebêngôkre* na manutenção do interesse por esses conhecimentos e práticas essenciais na preservação da saúde indígena e promover relações de entendimento e ações conjuntas entre o sistema de cuidados tradicionais em saúde indígena e o Subsistema Nacional de Saúde Indígena, por meio de conhecimentos e práticas interculturais.

Direcionado principalmente ao povo *Mebêngôkre-Kayapó*, mas também aos profissionais vinculados ao Subsistema Nacional de Saúde indígena, especialmente ao DSEI *Kayapó*, este livro está dividido em duas partes. A primeira parte relata as atividades de pesquisa desenvolvidas conjuntamente; e a segunda apresenta um catálogo reunindo 64 plantas medicinais conhecidas e utilizadas pelos especialistas tradicionais, com seus respectivos nomes indígenas e informações associadas, tais como as partes usadas das plantas, os tratamentos indicados e os procedimentos, com descrição bilíngue em *Mebêngôkre-Kayapó* e português.

Nem todas as plantas documentadas durante as entrevistas e caminhadas pelos campos, mata e quintais em *Las Casas*, e no jardim medicinal do *Pajé Kaikware* em *Moikarakô*, constam neste livro. As plantas aqui apresentadas foram selecionadas pelos especialistas *Mebêngôkre* por não serem objetos de tabu, segredo ou proibição. Optamos ainda por não informar a identidade botânica (nome científico e família botânica) das plantas, como forma de proteger esses conhecimentos sensíveis de possíveis usos indevidos e de evitar que sejam objeto de exploração econômica não autorizada pelo povo indígena.

Nossos profundos agradecimentos às autoridades e associações indígenas, extensivos aos moradores das aldeias *Las Casas* e *Moikarakô*, que foram essenciais para a realização deste projeto. Em reconhecimento às instituições parceiras, agradecemos à Coordenação Técnica Local (CTL) da FUNAI, sede *Redenção (PA)*, pelo apoio à execução das atividades de pesquisa, contando com a anuência da Coordenação Regional da FUNAI em *Tucumã (PA)*. Merece destaque a valiosa parceria com o DSEI *Kayapó* do *Pará-Redenção*, que disponibilizou o espaço para as reuniões naquela cidade e nos transporte aéreo e terrestre até as aldeias, onde nos acolheu nos postos de saúde, além da autorização, quando solicitado, para que os dois jovens indígenas integrantes da equipe do DSEI nos acompanhassem durante a realização das atividades em campo. Destacamos, ainda, o apoio da Fundação *Oswaldo Cruz* do Rio de

Janeiro (Fiocruz-RJ), através da Vice-Presidência de Ambiente e Atenção à Saúde (VPAAPS), que além de ter promovido a reunião em Belém, em fevereiro de 2015, quando houve a discussão sobre saúde indígena e ações importantes para a sua valorização, também cedeu os recursos para aquisição de equipamentos destinados ao registro e documentação fotográfica e videográfica da pesquisa.

Agradecemos especialmente ao Banco da Amazônia, pelo financiamento do projeto, que nos proporcionou esta bela experiência de pesquisa participativa. Por fim, nosso agradecimento especial ao Museu Paraense Emílio Goeldi, pelo apoio incondicional à realização da pesquisa, desde a submissão do projeto até a edição deste livro, que contou com a colaboração inestimável do colega Pedro Glécio Lima, na sistematização do banco de imagens que ilustram a publicação, numa composição gráfica primorosa, realizada pela equipe do Núcleo Editorial de Livros do Museu Goeldi.



O Povo Mebêngôkre-Kayapó

A memória indígena registra que os povos autorreconhecidos como Mebêngôkre (Iran Āmrãnh, Xikrin e Kayapó) antigamente ocupavam a região compreendida entre os rios Araguaia e Tocantins (De Robert et ali., 2012; Aldeia Las Casas, 2013). A chegada e instalação de colonos interessados em explorar os recursos nesse território, fez com que esses povos, que compartilham uma origem e língua comum, da família linguística Jê, fossem se deslocando para o oeste, na bacia do rio Xingu. No final do século XIX, os Iran Āmrãnh, também conhecidos como os Kayapó do Pau d'Arco, foram provavelmente os primeiros Mebêngôkre a iniciar o contato pacífico com os “brancos” instalados nos campos do rio Pau d'Arco (Gordon, 2006), sob a intermediação da missão católica Conceição do Araguaia, fundada com o objetivo de atrair, pacificar e catequizar os indígenas da região. As relações de amizade entre colonos e os Iran Āmrãnh favoreceram a atividade pastoril e grande parte da região ocupada por este grupo foi transformada em pasto, sendo também aliciados para se vincularem a essas atividades. Contudo, os Iran Āmrãnh foram dizimados pelas doenças e intervenções bélicas, e seus territórios ocupados por fazendeiros.

Os grupos Mebêngôkre Kayapó e Xikrin continuaram mantendo aproximações e confrontos com colonos e castanheiros até meados do século XX, quando, com o estabelecimento, por parte do SPI, do Posto Indígena Las Casas, em 1952, estes grupos iniciam contatos permanentes na região do rio Pau D'Arco,

no mesmo tempo em que os grupos Kayapó de Gorotire aceitam os contatos pacíficos com os padres dominicanos da Prelazia de Conceição de Araguaia. A criação de Postos Indígenas foi iniciativa do governo federal, para evitar os confrontos entre indígenas, colonos e castanheiros, que afetavam a economia da região (Gordon, 2006).

Na década de 1980, frentes de colonização atraíram grande quantidade de migrantes das regiões Centro-Oeste, Sul e Nordeste do Brasil, portadores de outros estilos de vida e outras formas de relação com o meio ambiente. Invasões de madeireiros à procura do mogno das florestas, de 'garimpeiros' em busca de ouro nas terras indígenas e a implantação de grandes projetos na Amazônia geraram conflitos violentos com os Kayapó (De Robert et al., 2012). Destacadas lideranças Mebêngôkre surgem no panorama político nacional e internacional na luta pela defesa do território.

Fruto destas lutas, na década de 1990 iniciam-se os processos de demarcação das terras indígenas. A delimitação do território gerou processos de sedentarização entre os Kayapó que, até então, tinham um estilo de vida seminômade. Uma vez assegurado o seu direito ao território demarcado, percebe-se um crescimento demográfico entre este povo.

Com uma complexa organização social baseada em diferenças de gênero entre homens e mulheres, articulada à divisão do trabalho e do espaço, categorias etárias associadas ao ciclo de vida das pessoas (Lea, 2012) e uma intensa vida ritual, os Kayapó se autodenominam Mebêngôkre, termo que na sua língua do tronco Jê significa "gente do buraco d'água; os que vêm do olho d'água" (Gordon, 2006); mas o nome Kayapó, de origem tupi e inicialmente depreciativo, foi adotado como etnônimo. Os Mebêngôkre contemporâneos distinguem-se em diversos subgrupos, associados a diferentes localidades, cuja dinâmica social caracteriza-se por constantes processos de cisão e fusão de aldeias.

Ocupam, atualmente, uma área de 130.000 Km², distribuídos em ambientes de floresta e de cerrado, localizados em ambas as margens do rio Xingu, ao sul do estado do Pará e ao norte do Mato Grosso. Seu território tradicional é oficialmente reconhecido pelo Estado brasileiro e se constitui de dez Terras Indígenas, as únicas áreas cobertas de bosques dos biomas Cerrado e Amazônia, no meio de uma paisagem devastada pelas atividades da agroindústria e da pecuária. A população Mebêngôkre-Kayapó é em torno de 11.675 habitantes, segundo informações da SESAI (2014). Além dessa população localizada nas diversas aldeias das 10 terras indígenas, informações do Instituto Socioambiental consideram a existência de três ou quatro

pequenos grupos isolados, com população estimada entre 30 e 100 habitantes, com a qual os Kayapó não têm contato direto.

No século XXI surgem numerosas associações indígenas nas diferentes aldeias, projetos de etno-desenvolvimento, vigilância territorial e de superação dos conflitos internos na sociedade Mebêngôkre, por meio de projetos inter-aldeias relacionados com a proteção do território e da biodiversidade, alternativas econômicas sustentáveis, processos de certificação de produtos como a castanha, valoração dos conhecimentos agrícolas, ecológicos e de práticas tradicionais de cuidados em saúde, como demonstra este livro.

Na atualidade, há uma colaboração mais estreita entre instituições públicas, organizações não governamentais (ONG) e associações indígenas, visando a valorização de conhecimentos tradicionais, ações de conservação ambiental e vigilância territorial. Mas as Terras Indígenas dos Mebêngôkre-Kayapó continuam ameaçadas, principalmente pela presença de garimpos ilegais, que motivam conflitos internos e potencializam as cisões características deste povo. Por meio de sua história milenar, seus conhecimentos, sua riqueza cultural e visão de mundo, o povo Mebêngôkre-Kayapó se reafirma nas suas constantes lutas em defesa do seu lugar da vida.





Áreas de Estudo

As aldeias que participaram deste estudo foram Las Casas, na Terra Indígena Las Casas; e Moikarakô, na Terra Indígena Kayapó (Figura 1).

A TI Las Casas está situada no sudeste do estado do Pará, entre os municípios de Floresta de Araguaia, Redenção e Pau D'Arco, e ocupa uma extensão de 21.344 hectares (Melo, 2003). Las Casas é a aldeia pioneira, também chamada Tekredjaràti-re, que foi habitada por pequenos grupos Mebêngôkre-Kayapó e Xikrin nas décadas de 1940 a 1960, quando o Posto de Atração do Serviço de Proteção aos Índios (SPI) fez contato com os Xikrin. Por volta de 1966, os Mebêngôkre-Kayapó desta aldeia foram para a aldeia Gorotire. Com o passar do tempo, no entanto, a região do rio Pau D'Arco foi de novo invadida por fazendeiros, que a transformaram em pastagens. O retorno definitivo à localidade e a luta pela reconstrução do território tradicional foi liderado por um grupo de Gorotire em 1996 (Melo, 2003), até ser declarada Terra Indígena em 2006 e homologada por meio do decreto publicado no dia 22/12/2009.

A TI Las Casas encontra-se, portanto, numa área bastante degradada e próxima à faixa comumente denominada “Arco de Desmatamento”, que se estende pelo sul da Amazônia brasileira – do oeste do Maranhão e sul do Pará em direção ao oeste, passando por Mato Grosso, Rondônia e Acre. Trata-se de uma área de transição entre os diversos tipos de vegetação de Cerrado (Coutinho, 1978; 2006) e florestas abertas, com ocorrência de

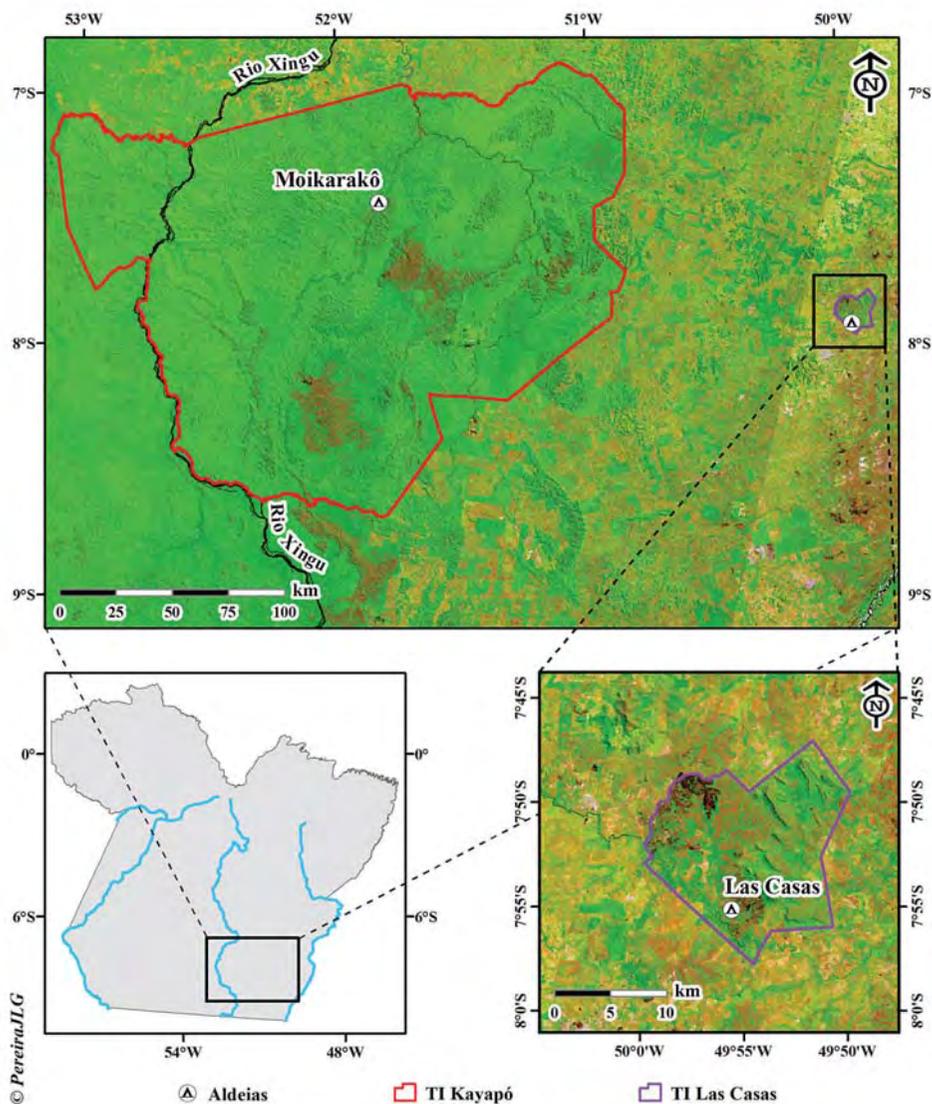


Figura 1. Mapa de localização das Terras Indígenas, destacando as áreas de estudo.

muitas palmeiras. Nesta TI ocorrem duas grandes formações vegetais: o *kapot* e o *bà* (Figura 2). O termo *kapot* (campo) designa diferentes formações vegetais, que vão desde os campos dominados por gramíneas, ciperáceas e arbustos lenhosos até as áreas onde predominam árvores e arbustos de porte baixo a médio denominados *kapot punu* (campo sujo). Gonzalez-Perez (2016) menciona ainda o *imô*, que compreende as áreas de campo alagadas que bordejam a floresta de galeria, e que ficam alagadas desde o inverno até o começo do verão. *Bà* (mato) inclui as matas às margens do rio Pau-D'arco (floresta ciliar) e de outros pequenos rios de porte médio e pequenos (floresta de galeria), a mata encontrada no *krahn* (florestas estacionais decíduais das serras) e as ilhas de florestas ou *apeiti* espalhadas no Cerrado.

As diferentes áreas de *kapot* na TI Las Casas fornecem valiosos recursos vegetais utilizados por este povo como alimentos, remédios, matéria-prima para a confecção de diversos artefatos de sua cultura material e artesanatos. Entre estes, destacam-se o *prin* (pequi, *Caryocar villosum*, *rõnti-re* e *rõne* (babaçu, *Attalea speciosa* e *A. eichleri*), *ngrwa* (buriti, *Mauritia flexuosa*), *kuten* (murici, *Byrsonima* spp.), além de inúmeras plantas medicinais. A venda esporádica de frutos, óleos e artesanatos confeccionados com fibras e sementes destas espécies complementam a renda das famílias, oriunda de aposentadorias, salários (agentes de saúde, professores e funcionários públicos) e de programas governamentais (bolsa escola, bolsa família). É fato que os recursos naturais aqui encontrados, aliados à localização desta TI, próxima às cidades de Pau-D'arco e Redenção, cujo fácil acesso se dá por terra, atrai os Mebêngôkre de aldeias situadas mais a oeste do território, que vêm à procura destes recursos não encontrados nas áreas de floresta onde moram (AFP, 2017).

O rio Pau-D'Arco ou *Ngõnh-rorokre* é o mais importante curso d'água na TI Las Casas. No entanto, vem sofrendo desmatamento em suas margens e poluição de suas águas pelo uso de agrotóxicos por parte dos *kuben* (brancos), além dos limites do território. Com isso, a pesca tem sido prejudicada, assim como a agricultura, tradicionalmente praticada pelos indígenas nas matas que o margeiam, tem sido pouco expressiva e insuficiente para alimentar seus habitantes. Este impacto negativo é ainda mais significativo, considerando que o *kapot* também se encontra bem degradado, conforme já mencionado anteriormente. Cursos d'água menores que cortam este território são igualmente aproveitados para o banho e para as brincadeiras infantis.



Figura 2. Formações vegetais na aldeia Las Casas.

A população da TI Las Casas é de cerca de 400 habitantes, distribuídos nas três aldeias atualmente existentes: *Kaprãkrere* e *Rõnekore*, estabelecidas, respectivamente, em 2011 e 2014 e Las Casas, a mais antiga e populosa, onde foi conduzido este estudo. Com uma população de 221 habitantes, segundo informações do DSEI do Pará, a aldeia Las Casas segue o padrão tradicional das demais aldeias Mebêngôkre e se configura espacialmente em um círculo de casas ao redor de uma grande área, em cujo centro encontra-se o *ngob* (casa dos guerreiros), onde os homens se reúnem para trabalhar e conversar e onde se realizam as reuniões para discutir e tomar decisões da comunidade (Figura 3). Fora deste círculo, estão o posto de saúde, onde uma técnica em enfermagem faz atendimento diário durante um período de 20 dias/mês, com atendimentos periódicos por enfermeiras, dentistas e médicos; a escola de ensino fundamental, que conta com professores indígenas e não indígenas; a sede da Associação Indígena *Ngõnh-rorokre*; e uma igreja evangélica, construída há seis anos e cujos cultos são celebrados por dois pastores indígenas.

A Terra Indígena Kayapó (TIK), onde se situa a aldeia Moikarakô, está localizada entre os municípios de Ourilândia do Norte, São Félix do Xingu, Cumaru do Norte e Bannach, tendo sido homologada em 1991. Ocupa uma área de 3,28 milhões de hectares, cobertos quase exclusivamente por florestas, cercada pelas fronteiras agrícolas ativas no sul do Pará. Trata-se, pois, de uma das últimas reservas de floresta situadas em pleno Arco do Desmatamento.

A aldeia Moikarakô possui uma população de cerca de 400 habitantes e está situada à beira do rio Riozinho, afluente do rio Fresco, na bacia do rio Xingu (Figura 4). O acesso à aldeia se efetua por via fluvial, no período chuvoso, subindo o curso do rio Fresco, desde São Félix do Xingu; em período de seca, se chega até esta aldeia por estrada de terra ou via aérea, saindo de Ourilândia do Norte ou de Redenção.

Diferentemente de Las Casas, Moikarakô está localizada em ambiente de floresta, o que possibilita e favorece práticas agrícolas em maior escala, bem como o maior acesso à caça e aos produtos do extrativismo vegetal, especialmente frutos. A castanha-do-Brasil (*Bertholletia excelsa* Bonpl.) ou *pi'y*, cujo período de produção vai de dezembro a fevereiro, é para esta aldeia uma das principais fontes de renda.



Figura 3. Vista da aldeia Las Casas, Terra Indígena Las Casas.



Figura 4. Vista da aldeia Moikarakô, Terra Indígena Kayapó.



A Experiência da Pesquisa

Os primeiros passos

* * *

Esta pesquisa fruto de demanda dos próprios Mebêngôkre, com o objetivo de efetuar registros sobre saberes e práticas associados à saúde e ao uso de plantas medicinais. O primeiro passo foi realizar consulta prévia às comunidades indígenas sobre a sua anuência ao desenvolvimento das ações e atividades de pesquisa previstas. A facilidade de acesso por terra à TI Las Casas e a proximidade desta à cidade de Redenção, permitiu que nos reuníssemos em junho de 2015 na aldeia homônima, onde apresentamos a proposta de pesquisa e foi elaborado, aprovado e assinado o Termo de Anuência Prévia (TAP).

No que concerne à TI Moikarakô, dada a dificuldade de acesso a esta aldeia àquela época, foi oportuna a presença em São Félix do Xingu do Sr. Akyaboro Kayapó, liderança dessa aldeia. Tendo participado da reunião em Belém, quando da discussão e elaboração da proposta, reunimo-nos na sede da Coordenação Técnica Local da Funai, ocasião em que assinou o TAP, o qual foi confirmado em março de 2017, pelo Cacique Moipá e lideranças desta comunidade, após apresentação da proposta de pesquisa e esclarecimentos na aldeia Moikarakô.

Com o consentimento das comunidades, que assinaram os respectivos Termos de Anuência, o passo seguinte teria sido o cadastramento do projeto na plataforma do Sistema Nacional de Gestão do Patrimônio Genético e do Conhecimento Tradicional Associado (SisGen), criado pela Lei da Biodiversidade, com o objetivo de gerenciar o acesso ao patrimônio genético ou ao conhecimento tradicional associado. Este procedimento, de fato, veio a substituir a solicitação de autorização de pesquisa ao CGen (acesso ao patrimônio genético) ou ao IPHAN (acesso ao conhecimento tradicional associado à biodiversidade, exclusivamente para fins de pesquisa), uma exigência da MP 2.186-16/2001. Entretanto, a plataforma tornou-se operacional apenas em setembro de 2018, quando, por fim, o projeto de pesquisa pode ser cadastrado.

Antes deste cadastramento, em dezembro de 2015, foi solicitada à FUNAI autorização de pesquisa nas duas aldeias. Desde então, os técnicos deste órgão, responsáveis pelo processo, foram reiteradamente consultados sobre o andamento da análise deste Projeto. Primeiramente, aguardavam que a Lei da Biodiversidade fosse sancionada, para, então, darem continuidade à análise do Projeto. O entrave seguinte foi a implementação e operacionalização do SisGen, ocorrido somente em 2017 e 2018, respectivamente. Conhecendo os nossos esforços para conduzir a pesquisa a contento e, por sua vez, sofrendo as consequências da conjuntura política e econômica da crise nacional, a CTL-Redenção manifestou-se favoravelmente à execução das atividades de pesquisa previstas, contando com o apoio da CTL-São Félix do Xingu e da sede regional da Funai em Tucumã. Obviamente, o respaldo de seus respectivos coordenadores foi possível, pela anuência de ambas as aldeias, condição *sine qua non* para a realização das atividades de pesquisa.

Desenvolvimento da pesquisa

* * *

Foram utilizados métodos e técnicas da Antropologia e da etnobotânica na realização desta pesquisa. Acompanhamos os especialistas e conhecedores dos tratamentos tradicionais em saúde nas suas respectivas atividades; realizamos histórias de vida e entrevistas sobre o sistema tradicional de saúde, abordando temas como: quais são os especialistas em tratamentos tradicionais, como percebem as doenças, quais as suas causas e quais as

plantas medicinais empregadas para tratá-las. Fizemos caminhadas pelo *campo* e *mata* apenas com o pajé Parityk e, em outro momento, com todos os especialistas. Acompanhamos um grupo de mulheres – Bekwynhbô, Bekwynhgoti e Nhakture – em suas atividades habituais de coleta de recursos vegetais nestes mesmos ambientes, incluindo plantas medicinais. Visitamos, ainda, os quintais do pajé Kaikware em Moikarakô e do raizeiro Tabo em Las Casas. Em todas estas caminhadas (Figura 5), fizemos levantamentos de plantas medicinais e conhecemos seus usos. As informações sobre as plantas (nome Mebêngôkre, local de ocorrência, parte usada, indicação de uso, modos de preparo e uso) foram anotadas em cadernos de campo e registradas em áudio. Todas estas atividades foram registradas em fotografias e vídeos pelo cinegrafista Banhi-re.

Nesta pesquisa, optamos por não coletar amostras das plantas medicinais, método usualmente empregado por botânicos e etnobotânicos, devido à sensibilidade do tema relacionado ao acesso aos conhecimentos tradicionais associados à biodiversidade e à sua proteção. Ademais, nem todos os indígenas das comunidades em questão demonstraram segurança em relação



Figura 5. Caminhada pelos diferentes ambientes na aldeia Las Casas.

a esta prática. Entretanto, todas as plantas citadas foram registradas em fotografias, que foram utilizadas na identificação científica das espécies, a qual permanece em sigilo, por opção dos próprios indígenas.

Nesta pesquisa, além da metodologia de campo descrita acima, houve três oportunidades de encontro com os indígenas fora das aldeias, que foram promovidas e aproveitadas para aprofundar questões levantadas durante as pesquisas de campo. Um encontro ocorreu em Belém e tratou de temas relacionados ao sistema de tratamento tradicional Mebêngôkre (especialistas, doenças e plantas medicinais), dos aspectos éticos da pesquisa e autorização do uso de imagens e som. Como pesquisadoras do Museu Paraense Emílio Goeldi, consideramos importante que, na oportunidade, os pesquisadores indígenas fizessem uma visita às coleções científicas, principalmente ao Herbário MG e à Coleção Etnobotânica e de Botânica Econômica da instituição, para que conhecessem o destino final das amostras de plantas coletadas em campo pelos pesquisadores, ora guardadas e preservadas no Herbário, bem como das matérias-primas de origem vegetal utilizadas na confecção de diversos artefatos tradicionais, além dos próprios artefatos contidos na referida Coleção.

A visita a ambos os acervos (Figura 6) despertou grande interesse dos especialistas/pesquisadores indígenas, que puderam, enfim, entender o destino das plantas coletadas nos seus territórios, depois de secadas e fixadas em papel, além de tomar conhecimento sobre o fato de que as plantas das suas respectivas regiões estavam ali guardadas e, inclusive, reconhecer algumas plantas entre aquelas que lhes foram apresentadas. Ao mesmo tempo, verificaram que as amostras botânicas coletadas em campo por pesquisadores, especialmente as de uso medicinal, não são comercializadas, mas que servem de testemunho da flora útil ocorrente nas localidades onde são realizadas pesquisas botânicas ou etnobotânicas, e que contam parte da história biológica e cultural da região. Os artefatos ou objetos contidos no acervo, juntamente com as amostras e matérias-primas vegetais que, igualmente, contam a história de muitos povos e populações tradicionais que viveram e/ou vivem na Amazônia.

O segundo encontro foi realizado em Redenção, com o objetivo de promover um ambiente de diálogo entre os especialistas em tratamentos tradicionais Mebêngôkre e os agentes indígenas e não indígenas da medicina convencional, visando contribuir para a discussão sobre o reconhecimento e a complementariedade das respectivas práticas terapêuticas. Outro objetivo deste encontro foi reunir os especialistas tradicionais para a troca de saberes sobre plantas medicinais do campo e da mata. A primeira atividade realizou-se na sede do DSEI Kayapó do Pará e a segunda atividade na aldeia Las Casas (campo) e na sede da Fazenda Santa Tereza (floresta).



Figura 6. Visita ao Herbário MG e à Coleção Etnobotânica e de Botânica Econômica do Museu Paraense Emílio Goeldi.

O terceiro e último encontro foi realizado novamente em Belém e tratou da organização deste livro. Procedemos a revisão das informações coletadas em campo entre todos os membros da equipe, a discussão do tipo de conteúdo que seria apresentado no livro e a elaboração do conteúdo nas línguas mebêngôkre e português. Assim, foram escolhidas as 64 plantas medicinais aqui apresentadas, seguindo critérios fundamentais para os indígenas, tais como o ambiente de cerrado (*kapt*) e de floresta (*bà*) onde essas plantas se encontram e, principalmente, quais as informações sobre cada planta podiam ser registradas para divulgação ao público em geral, pois, como já mencionado, uma preocupação constante durante todo o processo de pesquisa foi a existência de conhecimentos associados às plantas que não podem ser divulgados, pelo fato de serem considerados secretos ou de uso exclusivo dos *wayangá* e dos demais especialistas tradicionais. Respeitando-se essas recomendações, apresentamos aqui os resultados da pesquisa.

Resultados da Pesquisa

* * *

A pesquisa desenvolvida durante quatro anos, muito além de possibilitar levantamentos de plantas alimentícias (não tratadas neste livro) e, principalmente, de espécies medicinais utilizadas pelos especialistas tradicionais das duas aldeias, evidenciou noções básicas sobre práticas de cuidados em saúde Mebêngôkre-Kayapó, assim como um grande leque de conhecimentos sobre classificações de doenças e suas causas, classificações de plantas, processos terapêuticos, noções sobre saúde/doença/cura e as reivindicações pela sua valorização. Buscamos transcender o modelo convencional e extrativista de fazer pesquisa em que somente os membros não indígenas se beneficiam com os resultados obtidos e enveredar pelo caminho da pesquisa em colaboração, como modalidade que possibilita diálogos interculturais no processo de produção de conhecimentos e o reconhecimento equitativo das contribuições de todos os participantes em todas as etapas da pesquisa, até a publicação dos resultados. Consideramos, a seguir, os principais resultados obtidos nesta experiência.

Jardins medicinais nas aldeias

A criação de um jardim medicinal em cada aldeia, demanda inicial do pajé Kaikware de Moikarakô, também adotada pelo raizeiro Tabô de Las Casas, foi a primeira ação prevista na pesquisa. Esta atividade era de vital importância, pois Kaikware argumentava que nem sempre estava preparado para atender aos chamados dos doentes, portanto, ter as plantas disponíveis na aldeia evitaria que percorresse longas distâncias em busca das mesmas, facilitando o seu trabalho. Não foi estabelecido um modelo de jardim medicinal, tendo em vista a noção ocidentalizada em relação à concepção de um espaço desta natureza, bem distinta daquela dos Mebêngôkre-Kayapó. Desta maneira, foi decidido que cada um dos especialistas o conceberia de acordo com sua percepção pessoal. Assim, foram adquiridos e distribuídos, com o apoio da CTL - FUNAI de Redenção, materiais de jardinagem aos especialistas membros da equipe de cada aldeia.

Kaikware e Tabô, por exemplo, organizaram o cultivo de inúmeras espécies medicinais de maneira tradicional, isto é, espalhadas pelo quintal (*kikre bunum*),

compartilhando o espaço com árvores, arbustos e herbáceas alimentícias, condimentares e ornamentais. No entanto, Kaikware optou por cercar a grande área nos fundos de sua casa, cujo portão de entrada é fechado por um cadeado, ao contrário de Tabo, que preferiu não cercar o jardim, cuja transição com o roçado familiar é bem tênue. A experiência de criação do jardim medicinal por Kaikware na aldeia Moikarakô é relatada por ele, com orgulho:

“...para plantar os remédios que usamos para curar doenças de Mebêngôkre. Para fazer esse jardim, eu fui em busca de mudas e sementes na mata (*bà*) e também no campo (*kapot*) para plantar perto de minha casa, na aldeia. Esta área foi cercada para proteger as plantas dos animais e crianças. Isso é importante porque precisamos ter nossos remédios por perto, para facilitar o atendimento dos doentes.”

Parityk e Kokobá, os dois pajés mais idosos da equipe, não abraçaram a ideia do jardim medicinal. Parityk, um dos mais respeitados e antigos pajés Mebêngôkre, é especialista em plantas medicinais do *kapot*. Seu quintal, de fato, confunde-se com este ambiente. Criar esses jardins foi importante como espaço de uso múltiplo para o acesso à diversidade de plantas de uso terapêutico e difusão do conhecimento em cada aldeia.

Conhecendo os especialistas, as doenças, noções de cuidados e uso das plantas medicinais Mebêngôkre-Kayapó

No transcorrer da pesquisa foram realizadas sessões de discussão e aprofundamento dos temas relacionados ao sistema tradicional de saúde/doença/cura: quais são os especialistas tradicionais e como atuam; como percebem as doenças; noções básicas de cuidados, saberes e usos associados às plantas medicinais e processos terapêuticos.

Takwyri Kayapó, representante do Conselho Distrital de Saúde Indígena (Condisi/DSEI Kayapó do Pará), teve uma atuação imprescindível nesta pesquisa. Favoreceu o estabelecimento de excelentes relações com os *kuben* (brancos) do DSEI Kayapó do Pará, ao mesmo tempo em que mantinha estreitas relações com a aldeia Las Casas, onde morou durante a sua juventude. A confiança dos parentes, a habilidade política, o conhecimento da saúde indígena e o fato de ser bilíngue foram atributos inquestionáveis

para que atuasse como interlocutor no processo de pesquisa, dados os desafios linguísticos que a pesquisa colaborativa e intercultural apresenta, pois há questões culturais e conceituais que permeiam as discussões e que não são de fácil compreensão para os não mebêngôkre.

A expressão “medicina tradicional” ou “práticas médicas tradicionais Mebêngôkre-Kayapó”, por exemplo, eram habitualmente utilizadas por nós, as pesquisadoras não indígenas. Porém, Takwyri Kayapó nos fez entender que:

“Práticas médicas tradicionais dizem respeito ao conhecimento ou a uma prática que você tem quando vai para um centro clínico, um hospital etc., e que é diferente de um conhecimento que você tem adquirido com o passar do tempo. É o conhecimento dos médicos, obtido em anos de estudo numa universidade e praticado em hospitais e clínicas, e é totalmente diferente daquele conhecimento detido pelos especialistas tradicionais, que é adquirido por meios espirituais ou da transmissão entre gerações”.

Assim entendendo, Takwyri propôs que “*práticas médicas tradicionais*” fosse substituída por “*práticas de cuidados tradicionais*” ou “*práticas de saúde ou de tratamento tradicionais*”, uma vez que estas “*englobam uma série de fatores, de situações não só o tratamento, mas a questão de identificação do mal, da prevenção, de uma série de cuidados*”. Takwyri finalizou sua análise observando que sendo distintos, sugeria que o sistema de tratamento tradicional Mebêngôkre-Kayapó fosse referenciado daqui em diante como *Mebêngôkre Djukanê*, o que foi acatado por todos os pesquisadores da equipe.

Um aspecto fundamental no entendimento do *Mebêngôkre Djukanê* é que a noção de cuidados tradicionais não se aplica unicamente aos seres humanos, mas também envolve cuidados com os animais (remédios para o cachorro ser bom de caça), as culturas (remédios para as bananas, batatas e mandiocas crescerem bonitas), as condições climáticas (remédios para chamar e parar a chuva), os coletivos sociais (cuidado da aldeia) e o território. Isso demonstra a complexidade e diversidade de aspectos que envolvem a noção de cuidado (*Mebêngôkre Djukanê*), que vai muito além da noção ocidental de saúde, focada nos seres humanos, nos indivíduos e nos aspectos fisiológicos.

No âmbito do *Mebêngôkre Djukanê* atuam diferentes especialistas, conforme apresenta Tabo:

“Nós, Mebengokrê- Kayapó temos muitos tipos de especialistas em cuidados das pessoas, mas também de animais e plantas e temos muitos remédios para cuidar de tudo isso. Tem pessoas que desde pequenos vão conhecendo raízes, através do tio, do avô, do pai e vão aprendendo como tratar. *Kuben* chama raizeiro, outro chama pajé, outra é parteira que é o conhecimento da mulher.

Estas pessoas são preparadas, não é qualquer pessoa. Hoje em dia as parteiras não estão trabalhando mais, devido ao atendimento nos hospitais. Tem o pajé que é o *wayangá*, tem o raizeiro que não tem nome em Mebêngôkre, tem benzeiro, tem pajé espiritual.”

Além destes especialistas – *wayangá* ou pajés, raizeiros ou conhecedores de plantas medicinais (*kuté pidj’y màri*), “benzeiros” ou “rezadeiras” (*me ku pêjdjwynh*) e parteiras (*me krakadjàra djwynh*), González-Pérez (2016) menciona que existem também os curandeiros, que só conhecem as ervas para tratar doenças não relacionadas a espíritos. Nesta pesquisa, no entanto, trabalhamos apenas com pajés e raizeiros, além de mulheres mães de família, que embora não sejam reconhecidas nas aldeias como especialistas, são grandes conhecedoras de plantas medicinais.

Os *wayangá* são orientados pelos *wayangá tum* (pajés espirituais), associados tanto a espíritos dos antigos que já morreram quanto a espíritos de animais. Um *wayangá* geralmente é escolhido por um espírito para atuar como tal, e não há restrições quanto ao sexo e à idade; contudo, é preciso ter o dom, que pode se manifestar em diferentes fases da vida. De acordo com as histórias contadas pelos dois *wayangá* da equipe, em cada um deles esta manifestação se deu de maneira distinta. A experiência de Parityk começou durante uma caçada de porcão-do-mato, quando, após levar um tiro, seu espírito foi escolhido por três *wayangá tum*, que o levaram para conhecer uma outra dimensão. Ao voltar desta experiência espiritual e curado do ferimento, tornou-se pajé. Com Kaikware, tudo começou durante o sono, com a aproximação sucessiva de animais, que no início lhe assustavam, mas também lhe davam diferentes poderes. Depois que um *wayangá*, que era seu tio, explicou-lhe que os animais queriam lhe repassar conhecimentos, ele então aceitou. Fortalecido por estes, passou a se encontrar com os *wayangá tum*, que iam lhe ensinando as ervas para tratar certas doenças. De acordo com Posey e Elisabestky (1991), ao deixarem seus corpos, os *wayangá* encontram diferentes níveis de energia, cada um associado a um espírito específico de animal, com o qual aprende a falar, retornando iluminado ao seu corpo. Desse modo, ele passa a dominar o espírito do animal, reconhecendo as causas das doenças associadas ao animal, assim como a forma de curá-las.

Parityk é um grande e reconhecido pajé espiritual, por já ter passado por todas as provas às quais fora submetido, enquanto Kaikware ainda não passou por todos os testes, mas está sendo orientado para tal. O reconhecimento de possíveis hierarquias ou níveis no grau de conhecimento dos especialistas é observado na seguinte fala de Kaikware:

“Kokoba e Parityk são mais antigos que nós, sabem todas as coisas. Tabo e eu somos pessoas maduras agora e trabalhamos juntos. Com a maturidade eu passei a ter mais conhecimentos sobre plantas. Eles conhecem sobre algumas plantas e eu conheço outras também.”

Diferentemente do que acontece com os *wayangá*, que são orientados pelos *wayangá tum*, os raizeiros ou conhecedores de plantas aprendem sobre estas com os parentes em casa (tio, avô, pai), sendo preparados desde crianças. Cada raizeiro conhece plantas para tratar um determinado problema de saúde. Assim, existem raizeiros especializados em plantas para tratar picadas de cobra, como é o caso de Tabo. Em geral, os raizeiros podem passar seus conhecimentos para outras pessoas, contribuindo para a formação de novos especialistas.

Pajés e raizeiros podem atuar juntos, por terem conhecimentos complementares. Em geral, o pajé identifica a doença e faz o tratamento, de acordo com as palavras do pajé Parityk, ao explicar os saberes dos pajés (*wayangá kukradjà*):

“Às vezes a gente prevê as coisas de repente, sabe quem está doente. Pego no pulso da criança e sinto que ela tem doença de espírito, de peixe... ou se ela tem uma doença se manifestando no corpo, eu puxo com as mãos ou com a boca e assopro na mesma direção que o vento está correndo para o *wayangá tum* levar para longe. Quando somos atingidos pelo osso de um animal ou quando comemos peixe ou carne e não lavamos bem as mãos, a gente pega uma doença. A gente tem que se cuidar no dia a dia para não pegar essas doenças. Quando anoitece, eu vejo as coisas com muita clareza, eu vejo as doenças se manifestando nas pessoas. Com o *karinho* (fumo) eu tenho mais visibilidade e assim eu posso tirar as doenças com as mãos.”

O pajé pode também recomendar o tratamento pelo raizeiro. Embora tenha seu próprio repertório de plantas, o raizeiro pode buscar a planta sob a orientação do pajé. Conforme destaca Takwryi, “o pajé é como o médico, ele dá o diagnóstico e a receita; o raizeiro é como o farmacêutico, faz o remédio. Por isso é que os pajés e raizeiros precisam trabalhar juntos, assim como fazem Parityk e Tabo”. O *wayangá Parityk* conhece bem as plantas indicadas para as doenças diagnosticadas por ele, mas conta com o seu parceiro Tabo, que é mais jovem e pode buscá-las, poupando-lhe deste trabalho. Presenciamos o tratamento realizado pelos dois especialistas em duas crianças e uma mulher adulta vindas de outras aldeias. Ao final do nosso período na aldeia Las Casas, os três pacientes, acolhidos por parentes moradores dessa aldeia ou na casa do próprio raizeiro, já estavam bem recuperados. Este ambiente de cuidados, de atenção e aconchego conformam uma situação propícia para recuperação da saúde, demonstrando claramente a eficácia do *Mebêngôkre Djukanê*.

As mulheres mais velhas têm também um papel importante dentro do *Mebêngôkre Djukanê*, como ocorre em outros grupos indígenas. Entre os Yawanawá do Acre, segundo Moebus (2017), a arte de cuidar está disseminada e difundida em todos os aspectos e momentos da vida e está encampada especialmente pelas mulheres, que se ocupam frequentemente de cuidar, tratar e recuperar a saúde. Os conhecimentos das mulheres *Mebêngôkre* sobre plantas medicinais, indicadas para o tratamento e a prevenção de doenças dos filhos e netos, foram repassados pelas avós, pelos maridos e até mesmo pelos pajés. Mas, segundo Bekwynhbô, chefe das mulheres na aldeia Las Casas, nem sempre foi assim:

“Antigamente os conhecedores eram fechados, não ensinavam quase nada aos parentes. Hoje, não! Os conhecedores ensinam outras pessoas a terem conhecimento também. Uma pessoa me orientou a conhecer estas plantas para quando eu tiver um neto, eu poder cuidar dele. Eu aprendi e guardei. Hoje eu tenho meus netos, que não adoecem fácil com diarreia, vômitos, ... porque eu sempre cuido deles. Minhas filhas e meus genros podem comer peixe e mortadela que não dá problema nenhum com meus netos, que eu trato desde que nasceram com plantas”.

Entender o significado das doenças parece ser a chave para entender o sistema de tratamento tradicional *Mebêngôkre* (POSEY; ELISABETSKY, 1991). As doenças se associam ao desequilíbrio de energia das pessoas, inversamente à saúde que, neste caso, caracteriza-se pelo equilíbrio harmonioso entre todas as energias cósmicas e os *Mebêngôkre* (POSEY, 1982 apud POSEY; ELISABETSKY, 1991). Para os *Mebêngôkre-Kayapó* existem duas classes de doenças: as “doenças de branco” (*kuben nhõ kanê*) e as doenças de índio (*Mebêngôkre nhõ kanê*). As “doenças de branco” são aquelas doenças que o médico sabe como cuidar, tais como gripe (*me î jarop*), tuberculose, dengue, malária, leishmaniose (*waire*), câncer (*me kanê punu*), AIDS (*me kamro me irã*) etc. Em geral, são tratadas no posto de saúde da aldeia, porém, dependendo do agravamento da doença, os pacientes podem ser encaminhados ao hospital do polo de saúde mais próximo.

As “doenças de índio”, por sua vez, são aquelas tratadas pelos pajés e classificadas em duas categorias: “doenças de espírito” e “doenças do corpo”. As “doenças de espírito” se manifestam quando o corpo (*Kà*) é invadido por espíritos de animais (*mry karon*) como gavião-real, peixe-elétrico, anta, tatu, boi, entre outros; por espíritos de pessoas que já morreram (*me karon*) ou pajés maléficos. As “doenças de espírito” de animais apresentam sintomas marcantes semelhantes à característica do animal em questão. As “doenças do corpo” apresentam causas diversas, podendo surgir em consequência de

intoxicação alimentar, contato com elementos da natureza – visíveis ou não, inclusive picadas de insetos ou animais peçonhentos, bem como contaminação por excrementos produzidos ou retidos pelo próprio corpo.

Algumas doenças, no entanto, são compartilhadas entre brancos e índios, embora seu tratamento possa variar em virtude da percepção ou compreensão de uns ou de outros. Um exemplo é a dita “doença de osso”, por eles também denominada “doença de jabuti” ou *kaprãnh kanê*, caracterizada pelo inchaço e dor que acomete os brancos, mas que é detectada também entre os indígenas atualmente, por consumirem peixes contaminados por mercúrio.

Durante o tratamento, a fim de evitar o agravamento da doença, algumas restrições alimentares e sexuais são recomendadas aos pacientes e familiares próximos, bem como seguidas pelos pajés. A restrição alimentar pode ser quebrada pelos pajés à noite, depois de ter cumprido todos os compromissos com seus pacientes, mas as restrições sexuais são relaxadas apenas ao final do tratamento, quando especialista e paciente vão cuidar de suas próprias vidas.

Em se tratando dos recursos utilizados no tratamento de doenças, cerca de 120 plantas medicinais foram citadas, sendo encontradas em áreas de campo e nas matas, mas também cultivadas em quintais e no jardim medicinal. São cipós (*akrô*), árvores (*pin*) ou ervas (*bàre*), cujas raízes (*pijare*, *tù*, *arê me*), cascas (*pinhka*), hastes e galhos (*pinhpa*) e folhas (*ô*) constituem as partes da planta comumente empregadas no preparo dos remédios tradicionais.

Os modos de preparo desses remédios são simples e diversos. São comuns os preparados em que parte da planta é deixada de molho na água à temperatura ambiente ou levada ao fogo; estes são recomendados para beber e banhar o corpo ou a parte afetada do corpo. Em alguns casos, o bagaço da planta, que ficou na bacia ou panela, é esfregado no corpo do doente. Se a parte vegetal for dura, como são as raízes e cascas, ela é primeiramente pilada, raspada ou batida antes do preparo propriamente dito. Podem ainda ser assadas e transformadas em pó, quando destinadas a secar feridas, por exemplo. Algumas plantas ou partes dela (*akrô udjà djwynti*) são queimadas e a fumaça produzida é aspirada para tratar gripes e sinusites. Os sumos obtidos pela esfregação de folhas (*mryti kanê* e *pàt kanê*) são empregados para reanimar pessoas acometidas por um mal súbito, sintoma recorrente em doenças provocadas pelo consumo de carne de certos animais (tamanduá, preguiça

etc.) ou mesmo pelo espírito destes. As folhas (*akrô ni-ràti ka'àkre*) também podem ser simplesmente pisadas e aplicadas localmente, como nos casos de inchaços e furúnculos. Da mesma maneira, alguns exsudatos como leite (*ibênh-ne*) e óleo (*pinkangô*) não sofrem transformações, sendo diluídos na água para beber ou aplicado no corpo ou no peito, da forma em que foi obtido, respectivamente. Embiras de alguns cipós (*akrô kàkangä*) ou de árvores são utilizadas em amarrações de diferentes partes do corpo, como cabeça, juntas e região abdominal, no tratamento de dores de cabeça e do corpo, febre, doença de jabuti, entre outras.

É importante frisar que determinados remédios tradicionais mebêngôkre, além de tratarem as doenças, são recomendados como preventivos destas. O macerado de uma certa entrecasca, preparado pelo pajé Kaikware e servido às crianças, jovens e adultos de sua aldeia (Figura 7), exemplifica uma das maneiras de se prevenir de doenças. O vômito, provocado minutos após a sua ingestão oral, põe para fora toda e qualquer impureza contida no corpo, limpando-o.



Figura 7. Pajé Kaikware em sua prática de cuidados com a comunidade, aldeia Moikarakô.

Outro aspecto a ser ressaltado acerca dos remédios tradicionais é que nem sempre são prescritos isoladamente e, por vezes, outras práticas de cuidados são recomendadas ou procuradas. Procedimentos como o benzimento de crianças pelos pajés, por exemplo, são habituais e têm o intuito de torná-las fortes de corpo e de espírito, protegendo-as de doenças. Observando o trabalho do pajé Parityk em Las Casas, constatamos que o benzimento não se restringe às crianças, mas se estende a todos que dele precisam (Figura 8). Na prática de benzimento, o sopro, a massagem e a sucção são gestos importantes para livrar a pessoa da doença. Plantas medicinais, no entanto, podem fazer parte do benzimento, a exemplo de *kudjãra prire*, cuja casca é indicada para tratar de crianças desnutridas, como veremos mais adiante.

Os dados apresentados sobre o *Mebêngôkre Djukanê*, embora representem o conhecimento de apenas três especialistas de duas aldeias Kayapó, além das três mulheres mencionadas, reforçam os achados de Posey e Elisabetsky (1991), cujos estudos foram realizados em Gorotire, nos anos 1980, onde tiveram a colaboração de dois pajés e um raizeiro, como ocorreu nesta pesquisa.



Figura 8. Pajé Parityk cuidando das pessoas na aldeia Las Casas.

Saúde indígena e diálogo intercultural: um desafio

A Política Nacional de Atenção à Saúde dos Povos Indígenas (PNASPI) ressalta que os sistemas tradicionais de saúde indígena são baseados em uma abordagem holística, cujas práticas de cura respondem a uma lógica interna de cada comunidade indígena e são o produto de sua relação particular com o mundo espiritual e os seres do ambiente em que vivem (BRASIL, 2002). Neste sentido, Takwyri, ciente do papel inquestionável dos especialistas tradicionais para a saúde indígena e sucesso dos programas governamentais que tratam deste tema, ressaltou a importância do envolvimento de todos os indígenas na atualização da política indígena de saúde vigente, observando o princípio do diálogo intercultural. Em particular, destacou a valorização e o incentivo das práticas de saúde tradicionais relativas aos conhecimentos e uso de plantas medicinais e outros produtos da farmacopeia tradicional.

Durante um debate sobre o diálogo intercultural entre os dois sistemas de saúde em vigência, promovido pela equipe desta pesquisa, o grande líder Kayapó – Raoni Kayapó e Zé Yté Kayapó (*in memorian*), antigos colaboradores dos pesquisadores Darell Posey e Elanie Elisabetsky, enfatizaram a relevância do sistema tradicional de saúde, não apenas para a manutenção desta, mas também da cultura Mebêngôkre. Indo ao encontro dessa ideia, Banhi-re a revitaliza, ao relatar sua experiência de jovem cinegrafista no contexto da pesquisa, que lhe permitiu conhecer um pouco mais da história de seu povo:

“Eu sou responsável por registrar em fotos e vídeos as ações do Distrito Sanitário e fui convidado a acompanhar a equipe do Projeto “Saúde Soberania alimentar Mebêngôkre-Kayapó: conhecimentos, práticas e inovações”. Vou falar desta experiência, que foi para mim não apenas a documentação em fotos e vídeos sobre aspectos do Sistema Mebêngôkre Djukanê. Acompanhar pajés, raizeiros e mulheres mães de família registrando seus conhecimentos e experiências, envolvendo o uso de plantas medicinais, foi uma oportunidade única para um jovem como eu. Estes registros são muito importantes para nós, povo Mebêngôkre-Kayapó, porque nos fortalece culturalmente e nos ajuda a promover os conhecimentos e práticas de saúde que serão mostrados. “

O vigor do sistema tradicional de saúde, suas particularidades e relevância demonstrados anteriormente, chamam a atenção para a necessidade de seu reconhecimento e valorização. Um dos produtos desta pesquisa que vem atender a esse apelo é o audiovisual intitulado *Mebêngôkre Djukanê*, produzido

por Banhi-re a partir de um vasto conjunto de registros tomados ao longo da pesquisa. Portanto, o vídeo tem a pretensão de, por um lado, dar visibilidade ao sistema de saúde tradicional deste povo junto aos gestores do sistema de saúde oficial e, por outro, contribuir para a divulgação e fortalecimento desses conhecimentos e práticas nas aldeias, principalmente entre os jovens.

Nesse intuito e direção, nossos parceiros indígenas, que atuam junto ao DSEI Kayapó em Redenção, têm um papel de extrema importância na articulação política, buscando promover o diálogo entre a equipe multidisciplinar da saúde indígena e os especialistas tradicionais, que devem se complementar em suas especificidades. Cardoso (2014) reforça que a articulação entre ambos os sistemas é um ponto fundamental para a consolidação dos princípios que regem a criação do Subsistema de Atenção à Saúde Indígena. No entanto, são grandes os desafios para que isto se torne realidade. Parecem ainda maiores para as equipes multidisciplinares de saúde que atuam nas aldeias, embora haja esforços e iniciativas importantes neste sentido¹. Em demonstração de abertura a esse diálogo intercultural, o pajé Kaikware faz um apelo às autoridades do sistema de saúde oficial:

“Nossa ideia é trabalharmos juntos. Queremos ser ouvidos para trabalharmos em parceria para tratar nosso povo. Chefes e caciques brancos, ouçam o que digo. Nos ajudem para que possamos sentar, conversar e trabalhar juntos. Para continuarmos trabalhando em parceria e construir nossos projetos em benefício do nosso povo Kayapó.”

Neste sentido, e como tratado nas reuniões preparatórias para a 6ª Conferência Nacional de Saúde Indígena, almeja-se que os serviços de atenção primária em saúde ofertados pelos DSEIs sejam realizados de forma articulada aos sistemas tradicionais indígenas de saúde. No entanto, para se discutir como articular concretamente os dois sistemas, foram salientados os seguintes aspectos: importância de criação de espaços de comunicação e troca de saberes, da interculturalidade e do reconhecimento de diferentes contextos culturais

¹ A exemplo das reuniões preparatórias para a 6ª Conferência Nacional de Saúde Indígena, das quais a equipe desta pesquisa participou, a convite do Conselho Distrital de Saúde Indígena Kayapó do Pará, através da Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI). A incumbência foi de apresentar o Eixo Temático I – “Articulação dos sistemas tradicionais indígenas de saúde”, o qual abrangeu quatro sub-eixos relacionados às atividades de pesquisa e ações nas aldeias Las Casas e Moikarakô: “articulação da biomedicina com a medicina tradicional, respeitando os itinerários terapêuticos”; “práticas de cura e cuidado com especialistas tradicionais”; “identificação e notificação dos tratamentos tradicionais”; “implantação de farmácias vivas e hortos de plantas medicinais nas aldeias”.

(indígenas nas aldeias e indígenas na cidade); promoção das práticas de cuidados e do uso de remédios tradicionais, a exemplo da criação do “Centro de Medicina Indígena”, em Manaus; documentação dos conhecimentos de especialistas tradicionais, tal como o “Manual dos remédios tradicionais Yanomami”, assim como as pesquisas em colaboração com os especialistas tradicionais de Las Casas e Moikarakô. É nosso desejo que os resultados da pesquisa aqui apresentados contribuam para esse chamado dos povos indígenas.



Catálogo de plantas medicinais Mebêngôkre-Kayapó

A seleção de plantas medicinais registradas e documentadas em Las Casas e Moikarakô – e que compõem este catálogo – referem-se, na primeira aldeia, às plantas dos campos (*kapot*) e dos quintais (*kikre bunun*), enquanto as da segunda aldeia foram aquelas levantadas no jardim medicinal criado pelo pajé Kaikware. Para cada planta constam as seguintes informações: nome em mebêngôkre, indicação, modos de preparo e uso.

Coube aos especialistas selecionar as plantas aqui apresentadas. Esta seleção foi necessária, uma vez que há restrições quanto à divulgação de conhecimentos dos especialistas associados a inúmeras plantas, como já mencionado. A cada planta selecionada, apresentavam-se as informações sobre seus respectivos usos e as discutiam até se chegar a um consenso. A partir de então, o pajé Kaikware redigia as notas em Mebêngôkre, as quais eram transcritas e projetadas para correção da grafia por Takwyri. Em seguida, o texto correspondente em português era revisto. Este foi um trabalho que exigiu muita atenção, particularmente porque, ao se comparar com as notas de campo das pesquisadoras não indígenas, foram constatadas algumas inconsistências em relação aos nomes Mebêngôkre das plantas e a correspondência com os respectivos registros fotográficos e usos. De fato,

são desafios que surgem no contexto da pesquisa intercultural, pois requer a constante tradução das línguas e culturas para todos os participantes da equipe, considerando também, e principalmente, que nos debruçamos sobre outras formas de entendimento e classificação das plantas e seus usos pelos Mebêngôkre. Por exemplo, em um dado momento ou, conforme a indicação de uso de uma dada planta, ela pode ter um nome; noutra, pode ganhar outra denominação. Este exercício foi, por outro lado, bastante esclarecedor, pois mostrou uma grande diversidade de saberes sobre uma única planta e, por outro, foi norteador, ao revelar plantas e/ou saberes que não devem ser divulgados, segundo critérios Mebêngôkre, os quais é prioritário acatar e respeitar no contexto desta pesquisa. Assim, ampliou-se a compreensão sobre as diversas categorias de plantas, suas classificações e interdições em termos da sua divulgação, bem como avançou-se no entendimento e prática da pesquisa em colaboração e cuidados éticos que devem ser observados em todo o processo da pesquisa envolvendo conhecimentos sensíveis.

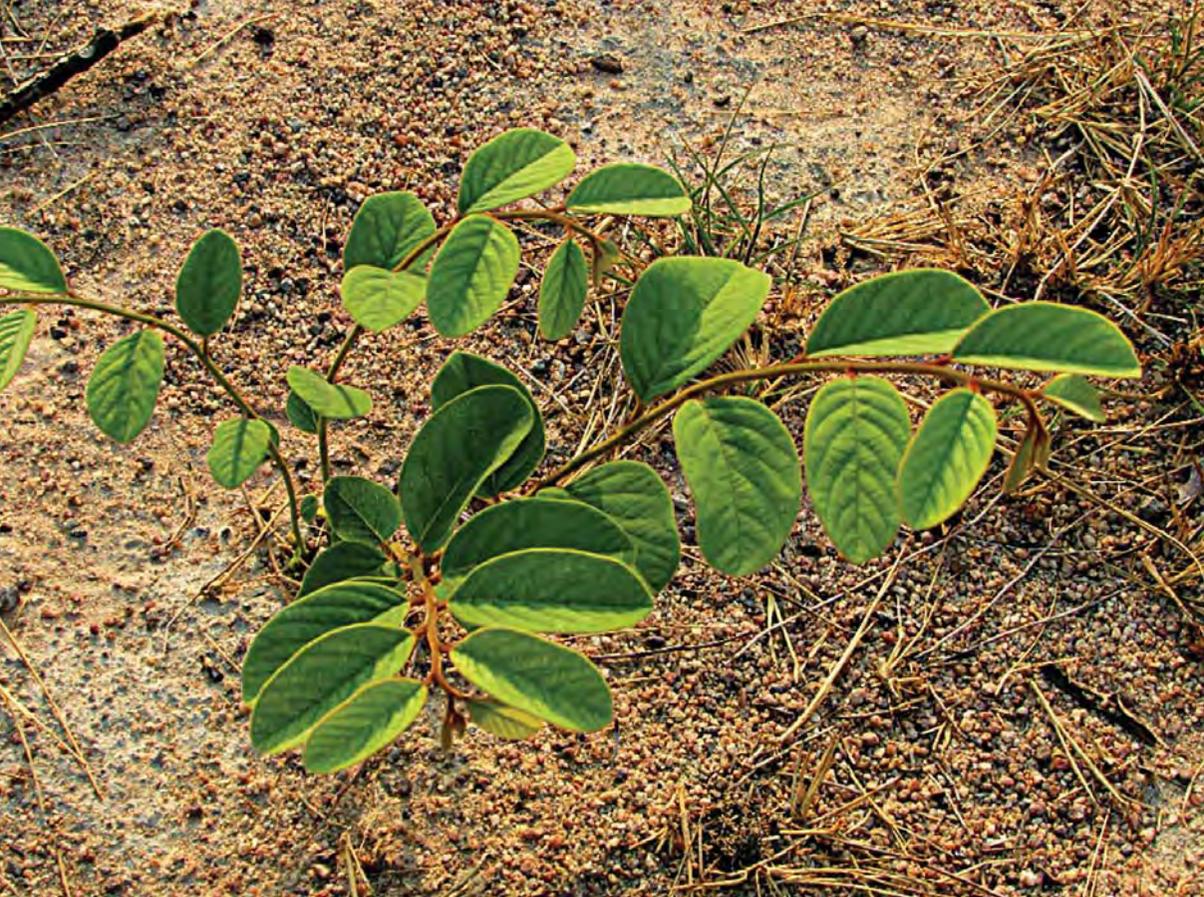






Plantas medicinais do campo Kapot kam pidj'y

(Aldeia Las Casas - TI Las Casas)



Me bibai kanê

Pidj'y já nê kubê muja kuni kanê.

Me bibài kanê

Me tykre rêndja

O tep kanê

Ja o me o meidja

O angrore kam me tuk-reidja.

Indicação: Esta planta serve para curar todo tipo de doença. É um remédio contra epilepsia e desmaio. Também é usada para curar a doença de caititu e contra veneno de peixe.

Modos de preparo e uso: Utiliza-se toda a planta (folha, casca, raiz), que é lavada, amassada e deixada na água do banho. Podendo, ainda, ser preparada como chá.

Akrwunti pri-re.
O mryti kanê, o kukryt kanê
Kangon oi kon amino kam kume

Indicação: Serve para tratar doença do boi e da anta (sangramentos/ hemorragias) em mulheres e homens.

Modos de preparo e uso: A raiz é deixada de molho na água, que é usada para beber e pingar nos olhos. Também é utilizada em banhos.

Kukrut Kanê / Akrwunti-prire





Pinhi

O tep kanê, o me madja kam tokry kanê.
O kre nigot.

Indicação: Serve para tratar doença de peixe; dor no fígado e dor de garganta; dor no peito e vômito de sangue.

Modos de preparo e uso: A raiz é deixada de molho na água. Deve ser usada em gargarejo e para pingar nos olhos; beber só um pouco, porque o gosto é azedo e forte. Pode ser adoçado com açúcar.

O àkaikriti kanê. O me uwabodjá me kanê
O me on djuan

Indicação: Cura a doença de gavião-real – quando a criança tem diarreia. Serve para amansar *kuben* e índio.

Modos de preparo e uso: A casca seca e a folha são misturadas na água com outras plantas para banhar ou beber. Suas folhas, com folhas de mais três outras plantas, são mastigadas e jogadas na pessoa braba.

Obs.: A pessoa tem que estar preparada para poder coletar a planta, pois pode ficar fraca e com sono, corpo mole. Tem que se preparar com outro remédio antes da coleta.

Ruwy ruwyk





Pĩ kò meti

O me kane kam ĩ-re putarà dja, kudjy bit
O kanga rai kanê
O me ury bit. O me poidja

Indicação: Para pessoa doente e que ficou magra e febril.
Serve para curar doença de cobra grande.

Modos de preparo e uso: Usada em banho ou para cheirar.
Raspar a casca do tronco e preparar o banho ou simplesmente passar o preparado no corpo da pessoa. O banho deve durar meia hora e o corpo deve secar naturalmente.
A pessoa doente também toma o leite (seiva) da planta para as mesmas doenças, pois tem que tratar por dentro e por fora.

O me tujarodja, o me kra kêt kra djà

Indicação: É indicada para engravidar.

Modos de preparo e uso: A raiz (batatinha) é mastigada e engolida pelo casal. Além disso, a raiz é deixada embaixo da cama. Depois de um a cinco dias já faz efeito.

Meprire nho pidj'y





Itaka àk-kre / Krôntíre kanê

O tep kanê o tep kuni kanê.
O ngàm kanê.

Indicação: Para tratar doença do peixe e da concha (caramujo).

Modos de preparo e uso: Tirar a casca do tronco e preparar o chá para beber.

Ô japjêdja tekàrunhdja
Turyti kanedja.

Indicação: Para a banana crescer grande e bonita.

Modos de preparo e uso: A raspa da casca do tronco é deixada de molho numa bacia com água. Antes de plantar, molhar a muda e a cova da bananeira com este preparado.

Turyti o menhdja / Tyrti kanèdja





Kudjàra pri-re / Meprire toi kanê

Me pri-re i-re putaradja.

Indicação: Para a criança ficar forte e sadia. Serve ainda para criar sangue nas pessoas e curar diarreia.

Modos de preparo e uso: Raspar a casca do tronco e deixar de molho numa bacia com água, que é usada para banhar a criança. Os galhos são entrelaçados com o estrado da cama em que a criança dorme para protegê-la.

Obs.: A planta dá um frutinho vermelho que parece chicletes. Todo bicho, principalmente veado, gosta do fruto.

O me ungàk rêidja, o karinho kam me ungàk rêidja, o me pri-re nhĩ rêidja. Me pri-re tykdja rêidja.

Indicação: A casca é usada para tratar soluços de fumantes e contra pneumonia.

Modos de preparo e uso: Raspa-se a casca e prepara-se o chá fervido. Em casos de soluço, tomar 2 copos seguidos.

Kuté





Ibeiné / Ibênh-ne / Piok tire

Me pri-re bit djwya djyry totobe kumrara dja, kane kêt kadjy, me karan umràràdjà, me o menh dja.

Indicação: Para que o recém-nascido cresça sadio; para que os adultos não peguem doenças.

Modos de preparo e uso: Usa-se a casca na água para banhar o recém-nascido. Os adultos devem tomar o leite diluído com água, pois é forte como o leite de amapá.

Obs.: O fruto é comestível e tem um gosto de banana; as flores brancas são perfumadas.

O wen kanê, o ton kanê,
Tu já bjê-re, oi kon, kum a kudji.

Indicação: Contra picadas de osgas e lagartixas do mato e da pedra, que possuem um esporão bem afiado.

Modos de preparo e uso: Lava, pisa e põe a batatinha de molho na água para banhar o local imediatamente após a picada. Depois, o bagaço é aplicado sobre a ferida e amarrado com um pano. Continua banhando com o preparado ao longo do dia.

Obs.: A semente do feijão verde é usada para o mesmo fim. Tem a lagartixa da pedra, que é preta e mais perigosa. Tem a roxinha do mato e a de casa.

Pyka ã krô kororo, krô kry-re ô já bjê-re





Kapôt kam akrô tyx'te / O kaprã kanê

O ton paridja, o ton kanê, o mo-re kanê nguĩjadjy, meĩ kom tokryn.

Indicação: Para tratar doença do tatu e doença do jabuti: a pessoa sente dores nas articulações; é semelhante ao reumatismo. Combate também doença de veado, que parece uma crise epiléptica.

Modos de preparo e uso: Fazer o chá da casca raspada para tomar e banhar.

Obs.: Os frutos parecem ovos de jabuti.

Kapot kam, bà kam, puro kam djwy. Kuni kot kunun kanê, kam ne me kakri, mjô mjôm, kamrêk, tú katua kangô o kumrà, nhyrn aryrr mej.

Indicação: É usada contra a doença da capivara: quando as pessoas têm a sensação de que está com pelos no corpo, a pele fica grossa, vermelha, resseca e coça. Serve ainda para combater bicheira na batata-doce e para que fique macia.

Modos de preparo e uso: As ramas e batatas são pisadas e deixadas na água em temperatura ambiente; o preparado é usado para banhar o corpo. Se o doente for uma criança, preparar em água morna.

A raiz desta planta, que é grande e parece uma batata, é pisada e deixada de molho na água. Depois de um tempo, este preparado é usado para aguar a plantação de batata-doce, para que a batata fique macia e não dê bicheira.

Obs.: Esta planta é encontrada no campo e na mata; surge após a queima do roçado. As folhas se parecem com as pegadas de capivara.

Jatârôti / Kunun kanê





Tep noti / pidjô rerekre

O min kanê, o tep kanê, o me kamrô kanê.

Indicação: Tratar a doença do jacaré, que deixa a pele seca e rachada; a doença do peixe e para pressão arterial.

Modos de preparo e uso: A parte interna da casca é deixada de molho na água e o macerado resultante é usado para beber e tomar banho.

Obs.: Frutos comestíveis popularmente conhecidos como araçá.

O me à'punu kanê, nhyam kam kà kangô oi kon, o menó kamrêk ti kanê, o aminó kuõn arym no mej, o me utaràdja.

Indicação: Serve para dar de beber a quem está com dificuldades de fazer xixi, para voltar a urinar melhor.

É um anti-inflamatório; indicado contra a conjuntivite.

Modos de preparo e uso: Fazer o chá fervido da entrecasca do tronco, coar e tomar para voltar a urinar melhor. Este mesmo chá serve também como soro ou colírio para lavar os olhos.

Angàti





Pitú ôkti / kaprã kané

O kapran kanê, o kapran kàkti kanê.
Tù kaban kangô o djwa, ne kangô oi kon, ne o amipõ.

Indicações: Tratar doença do jabuti e do jabuti-gigante, uma doença que causa hemorragias leves, dores nas juntas que, se não forem tratadas logo, podem ser agravadas e levar a desmaios.

Modos de preparo e uso: A raiz é lavada, cortada e colocada em água para beber e tomar banho, esfregando o corpo com o bagaço da raiz.

O nà karibêrêdja, o me akry pytaradjà.
Tu kaba kango oikon o djwa, ne ka' i o amijapren.

Indicação: A raiz é usada para tratar o início de uma paralisia, para a pessoa não ficar aleijada.

É também indicada para fazer passar a chuva ou amenizar os temporais.

Modos de preparo e uso: Lavar, pisar e deixar a raiz de molho na água e depois se banhar com este preparado.

Os galhos secos são queimados e agitados no ar.

Kakyjte





Ngra kanê

O me, tu me, o me kumrara
Kango o kumran nhyn arym kra kam o.

Indicação: É bom para tratar doença da paca: a pessoa adoece, fica inchada e perde os cabelos.

Modos de preparo e uso: Deixar a raiz raspada ou batida de molho na água do banho. Banhar e não enxugar o corpo. O cabelo volta ao normal.

Me tú kaban ne kam kamja kangô kre
Kaj me ro ã kuni krem.
Ne kam ã my tyry pydji apêj menire men memy me.

Indicação: Para evitar filhos.

Modos de preparo e uso: Lavar e comer a batatinha de uma só vez, ao final da menstruação ou após o parto. O casal deve manter abstinência sexual durante um mês.

Mekrakêt djà





Pararêre

Me tú kaban ne kam kamja kangô kre.
Kaj me ro ã kuni krem.
Ne kam ã myt'tyry pydji apêj menire men memy me.
O karinhô kanê.

Indicação: Para evitar filhos e combater a doença do fumo.

Modos de preparo e uso: A raiz lavada é consumida de uma única vez, após a menstruação ou o parto. O casal deve manter abstinência sexual durante um mês.

O mryki kanê, o ôkren ãi kanê, ronpre kanê, o myja kuni kanê, o bày-gogo kanê. Tú.

Indicação: Contra doença do pelo de animais: os olhos e o corpo ficam vermelhos como na dengue, dá febre e cansaço; doença do frango, quando a pessoa sofre desmaios de hora em hora, fica cambaleando; doença do cachorro: a criança não para de chorar, chora noite e dia; e para tratar a doença do arroz, em que o doente tem muita tosse, febre e cansaça.

Modos de preparo e uso: seus ramos são postos de molho na água do banho, que é recomendado para tratar todas as doenças citadas. As crianças com doença do cachorro devem ser banhadas de hora em hora e uma gota deste preparado é pingada nos olhos.

Quando aparece a doença do arroz, a gente toma e banha o corpo.

Pitu ky-re / Bày-gogo kanê





Tep djwa kamrôre

Me ôn djwadja, me uwabôdja.

Indicação: Para dormir à noite e acalmar as crianças, enquanto estão sendo pintadas.

Modos de preparo e uso: Esfregar as folhas com as mãos e passa-las no rosto; a pessoa vai dormir a noite toda. Passar no rosto e corpo da criança.

Jà kangô o aminhi bit kungrà, o aminhi bit kumrà nekam o krã wryrê. Y re re kêt.

Indicação: Doença do boi: a pessoa come a carne de boi, não lava as mãos e vai brincar; com pouco tempo fica com a boca torta, babando e o olho começa a girar. Nesta condição, lembra o mugido e a baba do boi.

Modos de preparo e uso: A raiz lavada e raspada é deixada de molho na água para banhar. Durante o banho, o bagaço é esfregado no corpo, do pescoço para baixo. Pode-se preparar também o chá fervido da raiz.

Obs.: Esta planta é conhecida como erva do campo que mata boi; sua raiz é bem comprida, amarga e queima, irritando a pele e os olhos.

Mry bàri kanê





Pàt kanê

Já o ne pat kanê, o tep kam me pri-re kwyr rênh dja.

Tu kaba, ku on, ty tyk ne kangô kam oi kon ne, kam o kungrà, ne kam o kumrã.

Indicação: Para combater doença do tamanduá e doença da preguiça, quando a pessoa fica em estado convulsivo, emitindo sons como o tamanduá. *A pessoa faz cru, cru, cru.*

Serve também para o tratamento de diarreia em criança com doença do peixe.

Modos de preparo e uso: As batatas arrancadas são lavadas, pisadas e colocadas de molho na água para beber, passar na pele e tomar banho. Pode-se também esfregar as folhas e aproximá-las da pessoa, para reanimá-la, no caso da doença do tamanduá.

Obs.: As batatas são macias, não amargam e apresentam cheiro forte; crescem em aglomerados.

Já o ne me ãn kanê, tu arik me ãn kunin kute me a my kam pidj'y ne ja, o me ãn kunin kanê.

Kango oi kon o amitu kungrà ne o ami kà kungrà.

Indicação: Remédio contra todo o tipo de diarreia.

Modos de preparo e uso: A raiz é lavada, raspada, pisada e deixada de molho na água. Passar este preparado na barriga e no corpo todo. Pode-se tomar também até melhorar. Se o doente for criança que ainda mama, a mãe mastiga a raiz raspada e passa no seio, para a criança mamar.

Ô ngre-re pri-re / O me ãn kam pidj'y / O me ãn kanê





Ton kanê /Pi ô krã

Já o ton bê me utaràdja, ja bê pi'ô krã ja min ne.

Ja ne'ô'o bit ami kané, dja ô kangô o djwa, ne ami jamakre kam kumẽ. A mi no kam kumẽ.

Indicação: Usada contra doença do tatu: a pessoa fica arroxeadada, fecha os olhos e bate as pernas. Pode-se pegar pelo vento, por ter comido carne de tatu ou, ainda, simplesmente por ter tido contato com esta carne.

Modos de preparo e de uso: Prepara o chá da raiz lavada e pisada, toma e pinga algumas gotas nos olhos e ouvidos do doente, que também pode ser banhado com este chá. As folhas esfregadas são dadas para a pessoa cheirar, para reanimá-la.

Tú kaba titik ne ngô kam kumẽ kam o amin kungrà, ne kam krô titik ne o amijapre.

Indicação: É utilizada contra a doença do gavião-real, caracterizada por diarreia discreta durante muito tempo.

Serve também para tratar picada de cobra.

Modos de preparo e uso: Prepara-se o chá da raiz para beber.

O cipó batido é amarrado no entorno das juntas.

Obs.: Cipó encontrado no campo e dá leite.

Akrô ôk ti o àkajkriti kanê





Kudjàra prire

Me pri-re i-re putaradja.

Indicação: É um anti-inflamatório. Contra a doença infecciosa e hemorragias. É indicada para tratar crianças desnutridas e para fazer benzimentos.

Modos de preparo e uso: A raspa da casca fervida é usada em banhos e entra na composição de garrafadas. Para benzimentos, a casca é misturada com urucum e jenipapo.

Obs.: O fruto é bom de comer!

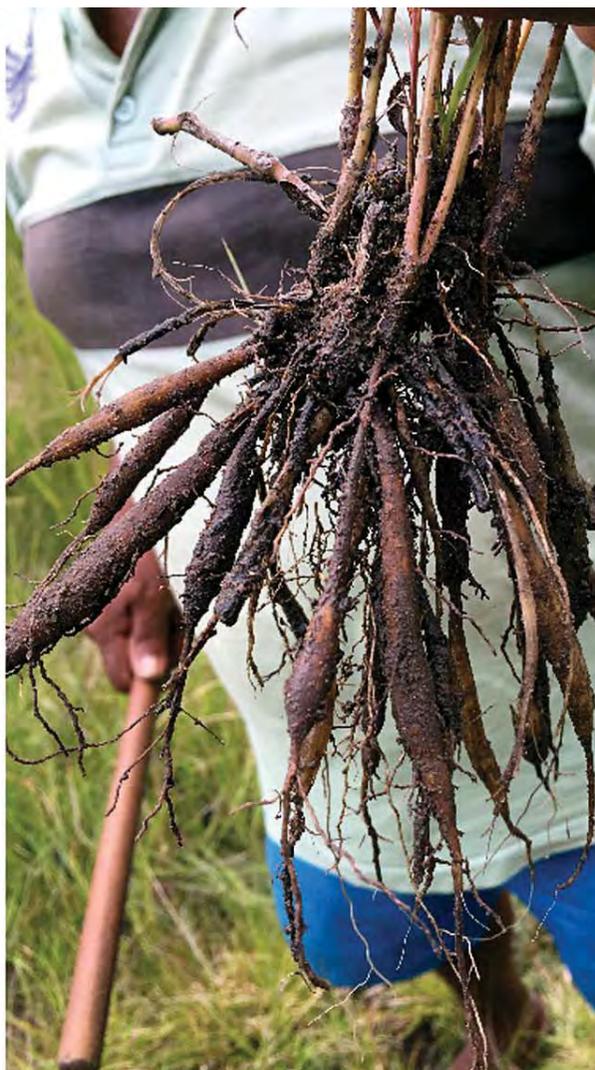
O mutekre kanê, me tukre kânoinoi kanê o amikane, o tukti kanê, akajngaràti kanê.

Indicação: Contra doença de jacutinga (jacu-do-cerrado), em cujas crises a pessoa fica tremendo. Serve para tratar doenças provocadas por diversas aves.

Modos de preparo e uso: A raiz amassada e raspada é colocada na água. Beber e pingar nos olhos e ouvidos.

Obs.: A folha é parecida com o pé do jacu.

A krut pri-re o mutem kre kanê





Prine

Ja bê me tyxdja, nàm me kà kam amijôk, mó'kam. Mẽ tóx'kadjwy, o me kute o amikané dja. Py me ne me o wakà kam ami ràrà.

Indicações: Para a criança ter mais resistência.

Modos de preparo e uso: A casca grossa desta árvore é queimada e a cinza produzida é misturada ao jenipapo ou ao urucum para passar no corpo da criança. Misturada ao urucum, a casca desta árvore pode ou não ser queimada. A polpa da fruta também pode ser misturada com o urucum.

Obs.: Seus frutos são comestíveis e é conhecida como oiti-do-campo.

Ja o ne mẽ pri-re kanedjà. Nàm me kam me rà'rà'rà. Kam me kumen. Mẽ ã tin kadjy py mẽ o a'kà kam me rà'rà'rà.

Indicação: Tratar doença de criança.

Modos de preparo e uso: Deixar a casca de molho na água para banhar a criança doente. O bagaço da casca é misturado com urucum e passado no corpo.

Kute ka àk, ônkôt no-re/ Mẽ ã djô





Pitú tekre kam panhêk

O waire kanê.

O kâpo-re kanê.

Me kadjy opôj ne kangô, o me ku ãn, ne me kadjy kamjã ã kudjin, ne kubôn ã kudjin.

Indicação: Para o tratamento da leishmaniose e picada de um inseto d'água perigoso, que gosta de ficar na cabeça de peixe (surubim, pirarara, traíra...). A doença aumenta se for tratada com remédio da farmácia.

Modos de preparo e uso: A batata é amassada ou raspada e colocada na água para lavar o ferimento.

O kangã kanê, o mry ka àk kanê, o tep kuni kanê.

O kanga kute me kamijai kam kango okungrà, o mry kaàk bê me utaradja, o teo kute me tyx pytarà dja.

Indicação: Para tratar picada de cobra e doença do peixe-elétrico ou qualquer doença relacionada a peixes.

Modos de preparo e uso: Prepara-se o chá da batatinha para tomar e o cipó é amarrado nas juntas das pernas.

Kaprã'ma'nhirê-re





Tep kanê

Ja o tep bê me utaradja nàm me kâbên kangô o djwa, o amipo ne arym mex.

Indicação: Tratar doença do peixe: só mulher tem essa doença; ela fica fraca.

Modos de preparo e uso: Raspa-se a casca numa bacia com água. Depois de um tempo, usa essa água para se banhar; o bagaço é esfregado no corpo. Não pode se enxugar, o corpo deve secar naturalmente.

O me pri-re ron kam myry-rênh djà, tam o ronkrôrin djwy bê me utaràdja, kute o mry kro, o me tyx kam.

Indicação: Contra a doença do cachorro e doença da onça.

Modos de preparo e uso: A batata é amassada e colocada de molho numa bacia com água. Este preparado é usado para se banhar.

Ronprê bê me utaràdja





Plantas medicinais do Jardim Ijê pidjà jagênh

(Aldeia Moikarakô-TI Kayapó)



Bõ krã

Ja kam ne me agrô-re kadjy ronpre kume.
Kute kre-mã mei kadjy.

Indicação: Para cachorro ficar valente com todo tipo de caça, especialmente com o caititu. Serve também para cansaço de gripe.

Modos de preparo e uso: A raiz branca e parecida com cebola é pilada com urucum e a mistura é passada no cachorro. Ao mesmo tempo, o cachorro pode comer a raiz pura.

O me pri-re kanedja, o me intĩ-dja, ne o me amikĩn djwy po, ki mej kadjy.

Indicação: Para recém-nascidos e crianças de até três anos crescerem bem, fortes e saudáveis. Bom para fazer crescer os cabelos e ficarem bonitos.

Modos de preparo e uso: Tirar o miolo, isto é, a parte mais mole do palmito, e passar no corpo das crianças. A parte mais dura passa no cabelo e deixa um dia.

Kamerê





Akrô kudjy re

Ne me o amikrã apre kra kam tokri kam, ne kam kango o djwa, gek kam o ami japre, ne arym tokri kêt.

Indicação: Combater febre, dor de cabeça e tosse.

Modos de preparo e uso: Os ramos são deixados de molho na água fria e o preparado é utilizado em banho para abaixar a febre. Depois disso, os ramos sem as folhas são utilizados para amarrar a cabeça e as juntas. Para a tosse, as folhas são ferverdas e o preparado é adoçado com mel.

O me i-re pytaràdja, o kukrit kamrô bê me utaràdjà. O myja kunin kanê, ne kam aрым o amipo o djwa oi kon.

Indicação: Este cipó combate todas as doenças; é uma vitamina! Indicado para as pessoas magras engordarem. Usado no tratamento de doenças do gado e da anta.

Modos de preparo e uso: Prepara-se o chá com a planta inteira para beber e banhar três vezes ao dia. O corpo vai voltar ao normal e a pessoa ficará leve.

Akro kudjy ti





Akrô kàkangä

O kapran kanê, o me ijaron kanê, o me tykdja kanê, o tep kane, o kuton kanê.

Indicação: Tratar doença do jabuti: a pessoa fica com espuma na boca, sente dores nas juntas e grita como jabuti: *Ah-ah-ah-ah*. Combate gripe forte, falta de ar e nariz entupido. É indicada ainda contra doença do peixe e doença da cobra de duas cabeças.

Modos de preparo e uso: Arranca-se o cipó com a raiz e o deixa de molho na água do banho. Durante o banho, deve-se esfregar o bagaço da planta no corpo e depois amarrar as juntas com a embira. Para tratar os sintomas da gripe, coloca-se parte do cipó de molho na água do banho. Outra parte do cipó seco é queimado e a fumaça é inalada para desentupir o nariz.

O me ã jain me, me tík kam tokry me in me, me kanê jabit ne o kanê.
Kangô o kom ne o me kumrà-rà. Krô titik ne o amijapre.

Indicação: Para tratar vômito, diarreia e dor de barriga.

Modos de preparo e uso: O cipó é batido e deixado de molho na água para banhar as crianças. Faz-se também o chá para tomar.

Akrô kudjy-re





Pitu ô krôriti

Kwry kané dja, o djwy kané dja.

Indicação: Para preparar a maniva da mandioca antes do plantio, para que esta planta cresça bem. É uma espécie de adubo. Bom para cuidar das batatas doces também.

Modo de preparo: Bate a raiz e a deixa na água utilizada para banhar a maniva um dia antes de plantar. Pode-se também regar a cova onde for plantar a maniva.

Obs.: Raiz que dá na mata.

O me tê paridja, o me kre punu paridja, o me kamrô bê àntaradjà.
Kangô oi kon, kango o djwa, o ami kungrà.

Indicação: Para tratar o câncer; doenças no útero; hemorragia, corrimento genital de mulher e de homem; doenças infecciosas da pele e do intestino. É uma espécie de antibiótico.

Modos de preparo e uso: Prepara-se o chá fervido da raiz e bebe.

Obs.: É uma planta do campo da aldeia Kubenkranken.

Pitu ôkti





Tep prãdjá kanê

O me tokró rêjdja, me kô-kam tokry rêjdjà, o me tin kam tokry rêjdja.
Kangô kuwy-mã kudja nhym kangró arym oi kon. Kangô ne o djwa.

Indicação: Dores no corpo e baque; emenda osso; contra tosse e vermes.
É antibiótico e anti-inflamatório.

Modos de preparo e uso: Usa-se a planta toda, que é batida e deixada de molho na água. Pode-se também pisar a planta e aplicar sobre o local. Para se combater tosse e vermes, recomenda-se bater a planta com leite e tomar.

O kukoi-re bê me utaràdjà, o me bibai rei dja, o tep bê me utaràdjà.
Dja krô me ô me ro'à titik ne kam amikadjy kangô. Ne aym a mino kam
kume, ne krô o amijapre.
Ne aym mej kumrej.

Indicação: Doença do macaco, isto é, quando as pessoas brincam com macaco e depois ficam doidas e chorando; doença de peixe-elétrico e de qualquer outro peixe.

Modos de preparo e uso: Pegar o cipó todo, bater e deixar na água, que é usada para beber e passar no corpo; a embira é utilizada para amarrar as juntas.

Akrô ô nhêre





Pitu ky-re /Ngap kanê

O ngap bê me utaràdja, o me ôkre tãntãk bê me utaràdja, o mry ka'ok kanê, o me nopynu kanê, ngap kute tyi kam dja tú kangô oi kon ne ôkre tãntãk kam djwy tú kangô oi kon dja aite no bibai kam djwy tú kangô amino kam kume.

Indicação: Para tratar doença de caramujo: dá dor de barriga e gases. É bom também para tratar garganta inflamada e doença de peixe elétrico: a pessoa fica gelada, com vômito, diarreia, histeria e fraqueza.

Modo de preparo e uso: Bater a planta toda na água, que é usada para beber e banhar o corpo. A embira é utilizada para amarrar as juntas.

O akrô ôtykti, o karinho kanê, o bà-y kanê.

A mikadjy, krô me tú me ô me kuni kangô, o djwya ne oi kon, amino kam kume.

Indicação: Doença do tabaco; soluço. Para doenças provocadas por carnes requentadas, dor de barriga

Modos de preparo e uso: Para controlar o soluço, mastigar e engolir a raiz. O chá deste cipó é bem escuro, da cor do fumo; para beber e tomar banho.

Obs.: Não pode mexer com esta planta quando for plantar milho, pois, senão, este não nasce.

Akrô oktyk / akrô oktykti





Akrô oktyk

Pitu ja bê teprãdja kanê kubê me utàràdja, o kangã kute me tyi kam kubê me utàràdja, o me krã kà tê bê me utàràdja. Dja ami kadjy kango me o djwa, krô o djwy amijapre.

Indicação: Para tratamento da doença de lombriga, que causa muita coceira no corpo e no ânus e a pele fica vermelha. Esta doença se parece com a do bicho-geográfico, mas se pega na água, na terra não pega não!

Modos de preparo e uso: Preparar o chá da raiz para banhar e tomar. Se tiver pouca planta, pode-se mastigar e engolir a raiz.

Obs.: É uma planta do mato e que tem leite.

Me kà ãkororo kanê, o kuwê ninhuh kre kreti, o kuwê tyite kanê.
Kangô ne kam o kungrà, ne ã kudji, ne o djwa já bit.

Indicações: Para o tratamento de três tipos de problemas da pele: inchaços ou edemas, que parecem com furúnculos, em que a pele fica avermelhada; um tipo de abscesso em que a pele fica vermelha e inchada e forma um olho; e *kuwê tyite*, que é aquele furúnculo que aparece, a gente trata e vai aparecendo mais pelo corpo afora, são pequenos.

Modos de preparo e uso: A raiz é lavada, pisada e deixada de molho na água para aplicar sobre a parte afetada. Esta planta puxa a secreção e forma o olho do abscesso. Quando isto acontece e a ferida estoura, a gente queima a raiz utilizada no preparo do chá e aplica o pó obtido sobre a ferida. O leite deste cipó também pode ser aplicado sobre o furúnculo.

Akrô ôk pri-re bà kam / Kà ã kororo kanê





Pi'à têpo-re

Jà o ne uwen kanê, ja o mi-djwy kanê, o tep kam me pri-re kwry-rêi dja. O me wa kam tonkry rêjdjà.

Indicação: Para tratar ferida provocada pelo esporão de calango (jacarango). Contra doença de jacaré, em que as pessoas ficam com a pele ressecada, rachando, parecendo queimada. É também usada contra vômitos, dor de dentes, no tratamento da diarreia de crianças que comeram peixe mal cozido ou para evitar este tipo de diarreia.

Modos de preparo e uso: O chá da planta toda é tomado e empregado para banhar o corpo. Em caso de dor de dente, as folhinhas são amassadas e colocadas no buraco do dente. O chá desta planta com raiz de *pi'à aria* trata a diarreia, mas para evitar este problema, a criança deve comer as folhinhas de *pi'à têpo-re* antes de comer peixe malcozido.

O kamri kam me pri-re kwyry rejda, o krwyt kamrêk, me mutenkre me, pê àti me, kanê.

Indicação: Remédio para as crianças com diarreia causada por doença de garça, doença de mutum do bico vermelho, doença de jacutinga e doença de japiim.

Modos de preparo e uso: A folha e raiz são dadas para a criança mastigar e engolir apenas o sumo, o bagaço é cuspido.

Pi'à aria/Pĩ ã arija





Pi krã tô-re/Pi ô jam krem ni-re

O me te kânti kam o me kàka krêe nhym me arym te pytin apêx, o me pri-re teká ka krêe mhyn arym mra.

Indicação: Para criança que demora a andar.

Modos de preparo e uso: As folhas são passadas nos pés e pernas da criança que não anda e em pessoas que tem dificuldade de andar.

O wai-re kanê, o mjexên kanê, o me kĩ kanêdja.
O me karo o boj dja.

Indicação: Para tratar leishmaniose e picada de aranha. Para os cabelos crescerem rápido e bonito. Também é utilizada para trazer de volta o espírito que deixou o corpo da pessoa.

Modos de preparo e uso: Nos casos de leishmaniose e picada de aranha, a folha amassada é colocada sobre a ferida, e à medida que a folha for secando, vai sendo substituída por outra. As folhas esfregadas na água produzem espuma; este preparado é usado para lavar os cabelos. Para trazer de volta o espírito do corpo, é preparado um banho com as folhas e tomado pela manhã, bem cedo.

Akrô ni-ràti ka'àkre





Ibé kam ton ton kre

Jà o ne uwen kanê.

Indicação: Para feridas provocadas por esporão de calango e de arraia.

Modos de preparo e de uso: As ramas pisadas são aplicadas sobre as feridas. Pode-se ainda assar as ramas com a raiz e, em seguida, transformar esta mistura em pó, que é aplicado sobre as feridas. Porém, se o buraco for grande só Benzetacil cura!! Contra a picada de esporão de arraia, pode-se usar apenas a raiz queimada, que é colocada no local.

Jà o ne me mydjuru kam kanedja. O meni-re djwv ykre djuru kam kanedja, me kôkrai kam tokry-kam me kute kango o kon bit.

Indicação: Serve para tratar inflamação do homem ou da mulher, que *kuben* chama de gonorreia.

Modos de preparo e uso: Fazer o chá (fervido) da raiz ou da folha e tomar de manhã, de tarde e de noite, durante seis dias.

Kraprã ngrere





Àkà djêdjâ

Àkà djêdjâ ja o ne me tĩ-kre kuon dja, ò jain ne aym tik mei kumrei. Dja tu kaba ne tukà ku òn, ne titik ne aym kuwy-mã kudja nhym prom nhym oi kon.

Indicação: Contra enjoo acompanhado de dor de cabeça, após ter comido.

Modos de preparo e uso: Chá da raiz lavada e pisada. Tomar três ou quatro copos e, após alguns minutos, todo o sujo que estava dentro é colocado para fora.

Ja o ne me amikra kêt oba.
Nen me kamian kangô krẽ, ne kam kra kêt kadjy.

Indicação: É um anticoncepcional para a mulher.

Modos de preparo e uso: Arranca a raiz, mastiga e engole para não ter filho. Pode-se também tomar o chá da raiz duas vezes ao dia. A mulher que toma este chá, não toma sempre, só quando ganha neném e quando menstrua.

Obs.: Essa planta vem do campo. Não serve para o homem.

Pitu ngrà-re





Pitu kàtyk

Ja o ne nà kanê, dja kangro o djwa arym kangro kêt.
Ná Kanê.

Indicação: Combater a gripe e febre. Para atrair chuva

Modos de preparo e uso: O chá (fervido) da batata é usado para beber e tomar banho.

Obs.: A batata tem um cheiro agradável, mas não é forte.
Só o Pajé sabe com fazer para atrair chuva e o faz em segredo.

O ykaryry kanê me, o bay kumrei kanê, yka-re, ynotykti, y kamrêkti, yngrangrati, tyrytidjô kanê, nam me ô me, bàri me, arê me kangô ne kam o djwà, o amiponh ne kam kango oi kon ja bit.

Indicação: Serve no combate à doença do milho, que provoca tosse e febre do umbigo para cima, e aparece quando a pessoa come milho – o *nosso* ou *do kuben* – se engasga e não cuida. Com o tempo, esta evolui para outras doenças diagnosticadas como gripe e bronquite, que não são curadas por remédios do branco. Só pode ser reconhecida e tratada pelo pajé.

Modos de preparo e uso: Chá das folhas para tomar e banhar. Durante o banho esfrega-se o corpo com o bagaço das folhas e tendo o cuidado de lavar de cima para baixo.

Obs.: Tem no campo essa planta.

Nhuj nhoràti





Tonton ti

O amjô-re kanê, o mrykranhe-re kanê, o tep kam me pri-re mry rêidja, kadjy kangô o kumrà, ne no kam kume.

Indicação: Serve para o tratamento da doença do rato; doença do gato: quando a criança chora o tempo todo; e doença do peixe, quando a criança chora pela tarde. Só o pajé reconhece a doença e sabe tratá-la.

Modos de preparo e uso: Usa-se a planta toda, pois a raiz é muito pequena e fina. Esfrega a planta e coloca de molho na água do banho; pinga nos olhos também. Outra maneira de tratar a doença do gato é passar no corpo da criança as folhas amassadas com as mãos.

O kukrut kam me kamrô rêidjá, o akubyn me karo oban o bôidja, o na djwy kanê.

Indicação: Tratamento de hemorragia das mulheres provocada pelo espírito da anta ou por consumir a sua carne. Para tratar pessoa que se assusta facilmente, tem mau pressentimento; e para leishmaniose.

Modos de preparo e de uso: Limpar e cortar o cipó em pedaços pequenos e preparar o chá para tomar e banhar. A pessoa é levada pelo pajé para o mato, onde passa sob essa planta para deixar o espírito para trás.

Akrô kangôti





Mry djwati

Me túkre karyry o meidja. O me no kamrekti kanê.
Kango oi kon, kangô amino kam kume.

Indicação: Tratar gastrite, úlcera, mal do estômago após ingerir uma comida, infecção dos rins; doença do olho (conjuntivite).

Modos de preparo e uso: As folhas são pisadas e preparadas em chá no fogo ou apenas deixadas de molho na água. Tomar direto até melhorar. Para conjuntivite, pingar o líquido direto no olho.

Obs.: Tem dois tipos, o pequeno (*mry djwati*) e o grande (*mry djware*). A flor do *mry djwati* pode ser amarela, vermelha ou roxa.

Jã o me bibai putaràdjà, o me krã kam tokry kanê, kam meno kunu kam bibai rêjdjà ne ja, nam me aton kuban, kra kam tokry kam djwy, aton kuban.

Indicação: Quando a pessoa tem um surto de loucura, crise convulsiva. Gripe com dor de cabeça, garganta fechada e nariz entupido.

Modos de preparo e uso: Cortar e queimar o cipó como um incenso, cuja fumaça deve ser inalada pela pessoa doente.

Obs.: Dá uma flor redonda, que tem cheiro bem forte!

Akrô ydjà djwynti





Kaprã ngrere “do alto”

Me i kam tokry kanê, ne me kâbên kam kango o djwa.

Indicação: Serve para dores nas juntas.

Modos de preparo e uso: tirar a casca e fazer o chá para tomar banho, lavando da cabeça para os pés. Fazer uma bucha das embiras para esfregar o corpo.

Referências

ALDEIA LAS CASAS. 2013. Me à yry Tekrejarôti-re: Os Trabalhos Artesanais dos Mebêngôkre-Kayapó da Aldeia Las Casas. Belém: MPEG.

ASSOCIAÇÃO FLORESTA PROTEGIDA. AFP. 2017. Gwaj Ba Nhõ Pyka – A nossa Terra. Plano de Gestão Territorial e Ambiental da Terra Indígena Las Casas. 141p. Disponível em: <https://acervo.socioambiental.org/acervo/livros/gwaj-ba-nho-pyka-nossa-terra-plano-de-gestao-territorial-e-ambiental-da-terra/>. Acesso em: 12 fevereiro 2020.

CARDOSO, M.D. 2014. Saúde e povos indígenas do Brasil: notas sobre alguns temas equívocos na política atual. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, 30(4): 860-866, abr.2014.

FUNDAÇÃO NACIONAL DE SAÚDE. 2002. Política Nacional de Atenção à Saúde dos Povos Indígenas. 2 Ed. Brasília: Ministério da Saúde.40p.

GONZÁLEZ PÉREZ, S.E. 2016. Exploração de recursos florestais não madeireiros pelos MebêngôkreKayapó da aldeia Las Casas – terra indígena Las Casas, no sudeste do Pará: aspectos biológicos, sociais e econômicos relevantes para a sustentabilidade da comercialização. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Pará, Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido. Belém. 264 p.

GORDON, Cesar. 2006.Economia selvagem. Ritual e mercadoria entre os índios Xikrin-Mebêngôkre. São Paulo; Rio de Janeiro, Editora Unesp. ISA, Nuti.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. Povos indígenas no Brasil. Mebêngôkre-Kayapó, população. <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Mebugokre-Kayapó/Populaçãõ;acessadoem05deabrilde2020>.

LEA, Vanessa. 2012. Riquezas intangíveis de pessoas partíveis. Os Mebêngôkre (Kayapó) do Brasil Central. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. Fapesp.

MELO, J. 2002. Relatório circunstanciado de identificação e delimitação da Terra Indígena Las Casas. Projeto Integrado de Proteção às populações e Terras Indígena da Amazônia Legal – PPTAL. Programa Piloto para a proteção das florestas tropicais do Brasil- PPG7. Fundação Nacional do Índio-FUNAI.

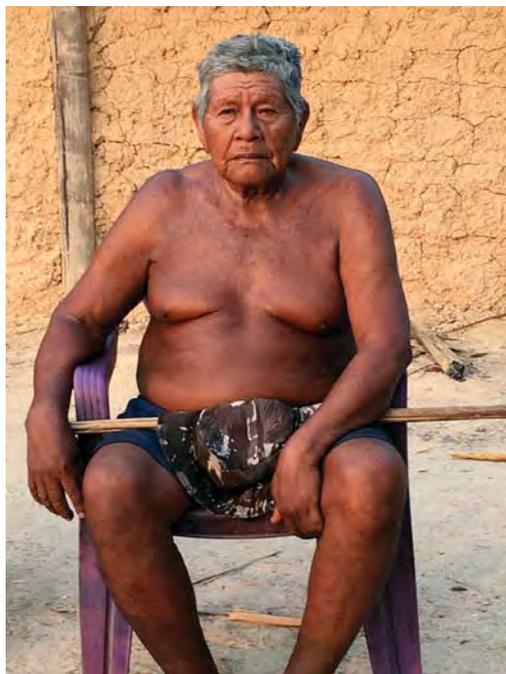
MOEBUS, R. L. N. 2017. Práticas indígenas de produção do cuidado. Diversitates International. Journal. 9(1): 27-45.

ROBERT DE, Pascale, LÓPEZ, Cláudia, LAQUES, Anne-Elisabeth, COELHO-FERREIRA, M. 2012. A beleza das roças: Agrobiodiversidade Mebêngôkre-Kayapó em tempos de globalização. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas. 7(2): 339–369

POSEY, D. A; ELISABETSKY, E. 1991. Conceito de animais e seus espíritos em relação às doenças e curas entre os índios Kayapó da aldeia Gorotire, Pará. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Serie Antropologia. 7(1): 21-36.



Autores e Organizadoras



Parityk Kayapó

De origem Xicrin, é um dos mais antigos e renomados *wayangá* mebêngôkre. Grande conhecedor das plantas do campo cerrado, Parityk mora na aldeia Las Casas, onde trata e cuida de sua comunidade e de pessoas de outras aldeias.



Kaikwa-re Kayapó

Este ex-cacique da aldeia Moikarakô é também pajé em formação. Já atuou como agente indígena de saúde (AIS) e vem lutando bravamente pelo reconhecimento e valorização do sistema tradicional de saúde Mebêngôkre-Kayapó.



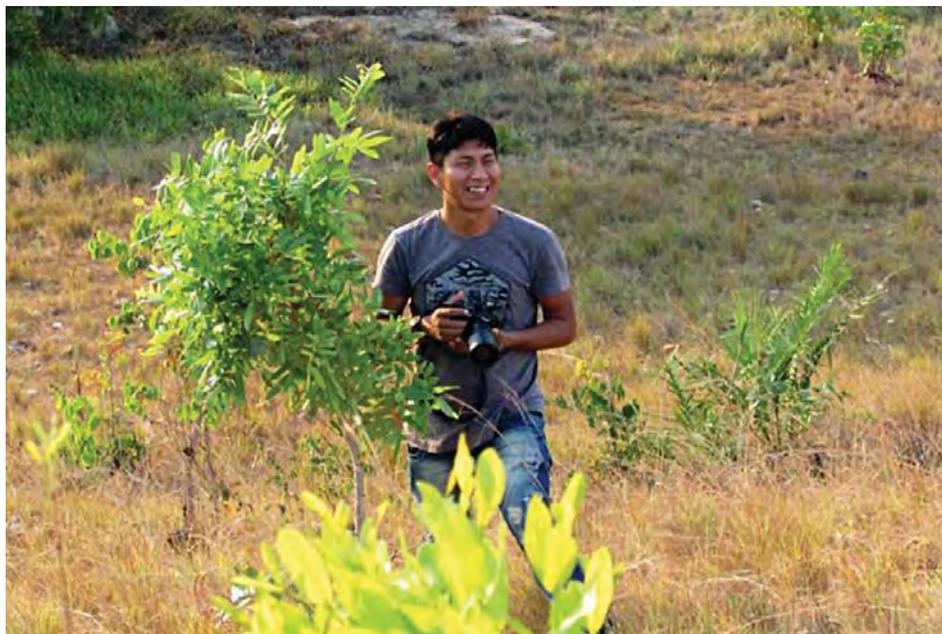
Tabo Kayapó

Raizeiro, especialista em remédios contra picadas de cobra. É também servidor da Funai, exercendo suas atividades na Coordenação Técnica Local deste órgão em Redenção -PA. Com 62 anos de idade, é reconhecido como grande liderança da aldeia Las Casas, onde mora desde a retomada desse território. Nasceu na aldeia Gorotire.

Takwyri Kayapó

Liderança Kayapó, nasceu em Gorotire, em 1981, e mudou-se ainda criança para Las Casas, aldeia com a qual mantém forte ligação e é considerada como seu local de morada. Ex-presidente do Conselho Distrital de Saúde Indígena (CONDISI) do DSEI Kayapó-PA, continua trabalhando em Redenção, onde luta pela saúde de seu povo.





Banhi-re Kayapó

O membro mais jovem da equipe também nasceu na aldeia Gorotire, em 1984, mas mudou-se com seus pais para Kriny, a aldeia à qual está ligado. Atua como cinegrafista do setor de Comunicação do DSEI Kayapó do Pará, em Redenção.



Bekwynhbô Kayapó

Chefe das mulheres na aldeia Las Casas, conhecedora de plantas com as quais cuida de sua família, principalmente de seus netos.



**Bekwyhngoti
Kayapó**

Reconhecida artesã da aldeia Las Casas, conhece também sobre os cuidados com plantas.



**Nhakture
Kayapó**

Mora na aldeia Las Casas, cuida dos seus filhos e netos usando plantas do cerrado.



Márlia Coelho-Ferreira, Parityk Kayapó e Claudia Leonor López-Garcés.

Márlia Coelho-Ferreira (organizadora)

Etnobotânica, ex-pesquisadora do Museu Paraense Emílio Goeldi e atual pesquisadora do Instituto Nacional da Mata Atlântica. Trabalhou por 25 anos com comunidades tradicionais na Amazônia. Iniciou seus estudos com o povo Mebêngôkre-Kayapó em 2009.

Claudia Leonor López-Garcés (organizadora)

Antropóloga colombiana e pesquisadora do Museu Paraense Emílio Goeldi. Tem experiência de trabalho com diversos povos indígenas na Colômbia e no Brasil. Trabalha com os Mebêngôkre-Kayapó desde 2008 em pesquisas de caráter colaborativo.

